



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIOS NUNES DE BARROS
CURSO DE HISTÓRIA

ERIK DE ALENCAR ANTÃO DE CARVALHO

RELIGIOSIDADE CATÓLICA E COTIDIANO URBANO:

A formação da cidade de Pio IX-PI e sua vivência urbano-religiosa (décadas de 1940 e 1950)

PICOS-PI

2015

ERIK DE ALENCAR ANTÃO DE CARVALHO

RELIGIOSIDADE CATÓLICA E COTIDIANO URBANO:

A formação da cidade de Pio IX-PI e sua vivência urbano-religiosa (décadas de 1940 e 1950)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

PICOS-PI

2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

C3311r Carvalho, Erik de Alencar Antão de.

Religiosidade católica e cotidiano urbano: a formação da cidade de Pio IX-PI e sua vivência urbano-religiosa (décadas de 1940 e 1950) / Erik de Alencar Antão de Carvalho. - 2015.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (73f.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2015.

Orientador(A): Prof. Me. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

1. Pio IX-História. 2. Cotidiano Urbano. 3. Religiosidade Católica. I. Título.

CDD 900

ERIK DE ALENCAR ANTÃO DE CARVALHO

RELIGIOSIDADE CATÓLICA E COTIDIANO URBANO:

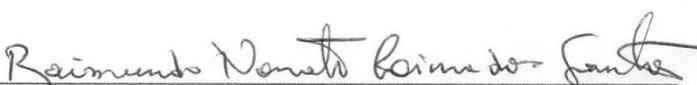
A formação da cidade de Pio IX-PI e sua vivência urbano-religiosa (décadas de 1940 e 1950)

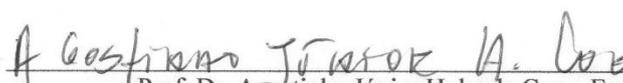
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

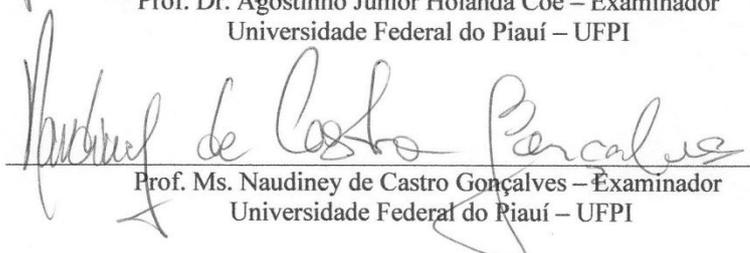
Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

Monografia Aprovada em 1º / 07 / 2015

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos – Orientador
Universidade Federal do Piauí – UFPI


Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe – Examinador
Universidade Federal do Piauí – UFPI


Prof. Ms. Naudiney de Castro Gonçalves – Examinador
Universidade Federal do Piauí – UFPI

PICOS-PI

2015



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao primeiro (01) do mês de Julho de 2015, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Erik de Alencar Antão de Carvalho** sob o título **Religiosidade católica e cotidiano urbano: a formação da cidade de Pio IX-PI e sua vivência urbano-religiosa (décadas de 1940 e 1950)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Me. Raimundo Nonato Lima dos Santos

Examinador 1 : Prof. Me. Agostinho Júnior Holanda Coe

Examinador 2: Prof. Me. Naudiney de Castro Gonçalves

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,0.

Picos (PI), 01 de Julho de 2015

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador (a) 1: Agostinho Júnior H. Coe
Examinador (a) 2: Naudiney de Castro Gonçalves

Dedico este trabalho à minha mãe, exemplo de
superação!

À todos que sempre acreditaram em mim e
estiveram ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho surge o sentimento de dever cumprido após grande esforço e dedicação neste projeto, conseqüentemente surgem vários outros, como o reconhecimento e a gratidão a tantas pessoas que estiveram comigo no decorrer deste longo trajeto da vida acadêmica.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me permitido a realização deste sonho. Agradeço pela força, coragem e, sobretudo, pela sua proteção em todos os instantes da minha vida! Sem o teu consentimento nada disso poderia se tornar realidade.

Durante alguns anos de formação na Universidade, vários obstáculos e problemas se apresentaram e foram superados, porém, tenho certeza de que sem algumas pessoas ao meu lado eu não conseguiria. Portanto, agradeço ao meu pai Dulcivaldo e a minha mãe Maria de Lourdes por terem me educado e possibilitado que eu buscasse essa significativa conquista. Meu eterno amor, respeito e orgulho por ser filho de vocês!

Agradeço de forma especial ao meu irmão Erton. Um verdadeiro amigo, que sempre conversou e buscou me apoiar em todos os momentos, fossem eles bons ou ruins. Meu muito obrigado por compreender e compartilhar muitas vezes de momentos difíceis. Conte comigo pra sempre, meu irmão.

À minha avó Francisca, todo o meu agradecimento por todo o amor e dedicação destinados ao longo de toda a minha vida! Obrigado por ter me ajudado a crescer, sendo uma pessoa do bem.

Ao meu avô Zé Arnaldo (*in memoriam*) por todos os ensinamentos que proporcionou durante os anos em que convivi com o senhor. Obrigado por ter contribuído na formação do meu caráter e na forma de enxergar o mundo.

Agradeço à minha tia Maria Luzia, por sempre ter sido presente na minha vida, muitas vezes excedendo seu papel de tia, sendo determinante para a realização do meu sonho da formação superior.

Meu reconhecimento e agradecimento à minha tia Maria das Graças, por todas as demonstrações de carinho, um sentimento verdadeiro.

Agradeço à minha Tia Auzair por todo o carinho, ensinamentos e cuidados que sempre transmitiu, da forma mais humana possível! Meu reconhecimento por todo seu amor e bondade, tia.

Agradeço aos meus tios Edivaldo e Dulcídio por terem contribuído de forma significativa para a realização deste sonho! Obrigado, vocês foram determinantes para o alcance do meu objetivo.

Ao meu amigo João Luís, obrigado por toda a parceria ao longo de vários anos de amizade. Você tem grande importância nessa conquista, por todo o apoio, toda a força e pelo desejo verdadeiro de que tudo desse certo na minha caminhada na Universidade. Meu muito obrigado.

Agradeço ao meu amigo Alexandre pela parceria firmada há anos! Amigo verdadeiro. Ao amigo Francisco de Assis pela amizade que foi construída desde o Ensino Médio, pelas demonstrações de uma amizade verdadeira e pelo desejo que esse momento de realização se concretizasse. O meu sincero agradecimento ao amigo Marciel Silva, pessoa que tenho grande consideração. Agradeço a Antônio Alencar, pelo apoio prestado no decorrer da realização deste trabalho.

Agradeço ao professor Gleison Monteiro por toda sua dedicação e influência na minha formação acadêmica, sobretudo, pela experiência que tive durante minha participação no PIBID. Muito obrigado professor, profissional exemplar!

Agradeço de forma especial aos meus amigos do curso de História: Yago, Levy, Gleyciane e Stéfany, meu muito obrigado por toda a união e amizade ao longo desses anos. Sem vocês tudo teria sido mais difícil. Obrigado por toda a parceria feita, pelas conversas, brincadeiras, por cada trabalho e seminário que fizemos juntos. Sempre estarão na minha memória!

Agradeço à Maria, que desde o início desta trajetória se tornou tão especial e importante pra mim. Obrigado pelo carinho que foi construído, pelo apoio, por sempre ter sido tão presente na minha vida, se preocupado comigo, me ajudado e principalmente, ter confiado em mim em todos os momentos! Compartilhamos momentos ruins, bons, e, sem dúvida, você foi o maior presente que eu poderia ter ganhado!

Aos meus entrevistados, por terem se disponibilizado e contribuído na realização deste trabalho. Agradeço a Nivardo Saldanha de Alencar pela recepção e liberdade cedida para o uso de seu acervo histórico sobre a cidade de Pio IX.

Agradeço ao meu orientador, professor Raimundo Nonato Lima dos Santos pela dedicação, paciência e todo apoio prestado para a concretização deste trabalho. Sem dúvida, isso só foi possível com a sua ajuda e direcionamento!

Enfim, agradeço à todos que direta ou indiretamente torceram por mim e me ajudaram de alguma maneira para a consolidação desta etapa da minha vida. Muito obrigado a todos que contribuíram para realização deste sonho! Meu eterno agradecimento!

RESUMO

O trabalho tem como objeto de estudo a religiosidade católica e o cotidiano urbano na cidade de Pio IX nas décadas de 1940 e 1950. Para entendermos como se constituiu a relação entre Igreja e sociedade, realizamos uma abordagem histórica sobre a formação deste município, compreendendo seus primeiros povoadores e a forma de desenvolvimento intimamente ligada à religiosidade católica. Percebemos também influências da Igreja enquanto condicionante do crescimento urbano de Pio IX. Utilizamos do método da História Oral para discutirmos os entendimentos e as representações de sujeitos que viveram e atuaram de forma ativa nos espaços urbanos da cidade. Também fizemos uso de livros de autores locais, dados do IBGE e trabalhos monográficos de mesma linha de pesquisa. O referencial teórico tem como base as reflexões de Raquel Rolnik, Sandra Jatahy Pesavento, Roberto Lobato Corrêa e Mircea Eliade. A pesquisa nos apresentou uma multiplicidade de elementos que determinaram a composição dos espaços urbanos de Pio IX e a Igreja Católica como fator de interação social.

Palavras-chave: Pio IX; Cotidiano urbano; Religiosidade católica.

ABSTRACT

This work has as object to study the Catholic religiosity and the urban daily life in the city of Pio in the 1940's and 1950's. To understand how to stablish the relationship between Church and Society, we accomplish a historical approach about the formation of this city, including its early settlers and the form of development which are closed related to Catholic religiosity. We also realize influences of the church as responsible to the urban growth of the city of Pio IX. We use the method of oral history to discuss the understandings and representations of people who lived and worked actively in the urban spaces of the city. We also made use of books by local authors, data of IBGE and monographs of the same line of research. The theoretical framework is based on the reflections of some authors as Raquel Rolnik , Sandra Jatahy Pesavento, Roberto Lobato Corrêa and Mircea Eliade . The research showed us a multiplicity of elements that determine the composition of urban spaces of Pio IX city and the Catholic Church as a factor of social interaction.

KEY-WORDS: Pio IX; urban daily life; Catholic religiosity.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio e o aglomerado urbano em seu entorno, década de 1940.....	36
Imagem 02	Início das obras de calçamento no centro de Pio IX, década de 1950..	49

LISTA DE TABELA

Tabela 01	Situação de domicílio da população do Piauí na década de 1950.....	40
------------------	--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. A FORMAÇÃO DA CIDADE DE PIO IX E A RELIGIOSIDADE CATÓLICA.....	18
1.1 Primeiros povoadores e desenvolvimento da região	18
1.2 A presença missionária do Padre Ibiapina.....	22
1.3 A cidade <i>Imaginada e Sentida</i>	26
1.4 Uma urbe em torno da Igreja.....	32
1.5 Uma cidade em constante ascensão.....	39
2. O VIVER URBANO-RELIGIOSO NA CIDADE DE PIO IX-PI, (DÉCADAS DE 1940 E 1950).....	52
2.1 Aspectos da vida social do piononense.....	52
2.2 “ <i>Louvores à Padroeira, de nossa terra querida</i> ”.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS... ..	70

INTRODUÇÃO

Segundo Roberto Lobato Corrêa (2000, p. 08). “[...] o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente”.

Ao definirmos a cidade como nosso campo e objeto de estudo, voltamos nossos olhares para as características presentes no seu interior, como as condições físicas que possui, os traços marcantes da população que a ocupa, além da cultura local, visíveis pelas manifestações sociais desses sujeitos.

Contudo, dialogando com a autora Raquel Rolnik (2004), somos levados a pensar a cidade como algo além de edifícios e prédios, envolvendo elementos muito além dessa simples compreensão sobre cidade, que é resultado da capacidade do homem de dominar e modificar a natureza da forma que deseja, produzindo assim representações nesses espaços.

Buscamos ao longo deste trabalho identificar e analisar as ações dos primeiros habitantes da cidade de Pio IX, que proporcionaram condições para seu crescimento urbano e social. Estas ações realizadas nos espaços daquela futura cidade – como práticas de subsistência – contribuíram para o desenvolvimento do comércio, mediante determinadas características em conformidade com o período histórico.

Avaliamos a presença da Igreja Católica inserida no referido município, como atuante em meio aos primeiros moradores, por meio da disseminação de valores e padrões de conduta que foram inseridos no cotidiano local através da religião.

Analizamos o processo de formação da cidade de Pio IX até a década de 1950 enquanto resultante de ações de sujeitos e grupos sociais por meio do comércio, da religião e da política. Estas ações proporcionaram um salto desenvolvimentista nos espaços urbanos da cidade, por meio de obras públicas estruturantes para beneficiar a população local. Percebemos, entretanto, que esses benefícios urbanos não alcançaram todos os moradores tendo em vista a caracterização de uma segregação urbana no município.

Definimos, portanto, o período que compreende as décadas de 1940 e 1950 como o recorte temporal da pesquisa, uma vez que nesta época houve as primeiras transformações urbanas na cidade de Pio IX que provocaram maior complexidade na sociedade. Nesse período houve a fragmentação dos espaços urbanos, uma segregação social e, ao mesmo tempo, uma interação dos sujeitos por meio da realização da Festa da Padroeira de Nossa Senhora do Patrocínio.

Novamente nos reportamos a Roberto Lobato Corrêa (2000, p. 07) que apresenta as condições dos espaços urbanos da seguinte maneira, “[...] o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável”. Através de sua contribuição passamos a entender a intervenção que a Igreja Católica realizou no interior da sociedade piononense, sobretudo, pela realização de práticas religiosas, como fator de integração e articulação dos sujeitos nos diferentes espaços.

Portanto, a cidade é de várias maneiras o espaço onde sujeitos sociais vivem e se socializam. É na cidade que ocorre a vida cotidiana das pessoas, onde se praticam as crenças, onde se permeiam os valores, e dessa forma ocorrem as interações entre indivíduos do mesmo grupo e de grupos sociais distintos, que acabam por compartilhar e integrar um mesmo espaço urbano.

Nosso trabalho consiste, portanto, em estudar a religiosidade católica no município de Pio IX – PI, compreendendo como a Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio está situada na cidade, do ponto de vista da autonomia que apresentou sobre a população local. Temos como foco de estudo a Festa da Padroeira de Nossa Senhora do Patrocínio, desse modo, analisando a interação direta entre povo e a Igreja que se reflete na participação destes na organização das atividades religiosas da cidade e a grande participação da comunidade católica em geral.

Para realizarmos esta pesquisa recorreremos ao uso do método da História Oral, onde contribuíram três entrevistadas, Graziela Maia Arrais, Teresinha Felicidade da Silva e Maria Núbia Bezerra de Alencar Simões. A escolha das depoentes foi determinada pela vivência destas na cidade de Pio IX entre as décadas de 1940 e 1950, período de delimitação temporal aqui trabalhado. A especificidade do gênero não foi levada em consideração na seleção dessas pessoas, sendo o principal critério de escolha a participação destas na vida social e religiosa do município de Pio IX no referido período, sendo resultado da disponibilidade das pessoas que se enquadram neste critério.

O trabalho se baseia nas obras de Custódia Matutina de Alencar (2000), Odon Antão de Alencar (2007) e Miguel Sebastião Maia Chaves Arrais (2008), autores que realizaram nos seus trabalhos um estudo da formação de Pio IX. Outros trabalhos utilizados foram de Alberto Rodrigues de Oliveira (2007), que faz uma abordagem sobre a vida missionária do Padre Ibiapina, elemento de destaque na história de Pio IX. Ainda referenciamos os pesquisadores Raimundo Nonato Lima dos Santos (2007) e Gislayne Oliveira Santana (2014) que enfocam aspectos ligados às cidades de Timon-MA e Dom Expedito Lopes-PI, respectivamente.

Relacionamos as fontes já mencionadas com dados do IBGE (1950), da Revista Piauiense dos Municípios (1955) e da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - IBGE (1959), e buscamos subsídios teóricos com autores que pesquisam sobre temáticas das cidades, como Raquel Rolnik (2004), Roberto Lobato Corrêa (2000), Sandra Jatahy Pesavento (2007) e com o mitólogo Mircea Eliade (2010).

O trabalho está dividido em duas partes. No primeiro capítulo intitulado “**A formação da cidade de Pio IX e a religiosidade católica**” recorreremos aos autores que trabalham sobre a referida cidade, com a finalidade de estabelecermos compreensões sobre a origem do município, além das características do crescimento social e urbano de Pio IX até a década de 1950, período onde se manifestaram alterações dos espaços urbanos da cidade, onde enfocamos a influência histórica da Igreja Católica em todo o cenário urbano e social.

No segundo capítulo que tem por título “**O viver urbano-religioso na cidade de Pio IX, (décadas de 1940 e 1950)**” tem como finalidade apresentar as ocupações dos espaços urbanos do município e a segregação destes no que diz respeito às políticas públicas de melhoramento urbano em Pio IX na década de 1950. Analisamos como as práticas religiosas católicas influenciaram na cultura do piononense, modificando seu cotidiano.

CAPÍTULO 1

A FORMAÇÃO DA CIDADE DE PIO IX E A RELIGIOSIDADE CATÓLICA

O município de Pio IX está localizado na porção centro-leste do Estado do Piauí, distando da capital Teresina cerca de 440 km. Segundo dados do IBGE (2010) a cidade possui uma área territorial de 1.947,158km² e uma população de 17.671 habitantes, com estimativa para o ano de 2014 de 18.023 habitantes. Quanto às condições naturais da cidade, tem como clima predominante da região o semiárido, com altas temperaturas anuais e precipitações pluviométricas irregulares, aspectos típicos do sertão nordestino.

Neste capítulo analisamos a formação histórica da cidade de Pio IX, identificando seus primeiros moradores e as formas pelas quais viveram e possibilitaram o estabelecimento de condições propícias ao desenvolvimento do município, abordando aspectos sociais, políticos e religiosos. Faremos, portanto, uma análise do processo de constituição urbana da cidade de Pio IX, compreendendo os sujeitos presentes nesse contexto. Estabelecemos discussões sobre aspectos religiosos presentes no interior da sociedade piononense que se destacaram por apresentarem influências sobre o comportamento dos indivíduos, através de determinados valores inculcados na cultura daquele povo.

1.1 Primeiros povoadores e desenvolvimento da região

Realizamos neste momento uma análise histórica da formação do município de Pio IX para que possamos compreender o contexto social e religioso presente na referida cidade, tendo em vista que acontecimentos que se deram no passado influenciaram na questão religiosa da qual estudamos nos anos que englobam a década de 1950. A respeito dos primeiros povoadores da região que hoje diz respeito ao município de Pio IX, a pesquisadora Custódia Matutina de Alencar¹(2000, p. 09) explica que, “No ano de 1800 realizaram-se as primeiras penetrações no território onde hoje está localizado o município de Pio IX – Piauí, com a participação de famílias piauienses e cearenses que conseqüentemente, foram seus primeiros habitantes”.

As migrações que aconteceram no século XIX com destino à região que hoje se localiza Pio IX não podem ser explicadas com precisão, porém, acredita-se que estas foram motivadas principalmente por fatores naturais, como a seca e a busca do povo pela

¹ Custódia Matutina de Alencar é piononense e autora do livro “Município de Pio IX”.

subsistência em novas áreas que possibilitassem o implemento de práticas que garantissem sua sobrevivência.

A pesquisadora Custódia Matutina de Alencar ainda nos apresenta o local onde se deu início o povoamento que desenvolveu posteriormente o referido município piauiense. “O lugar denominado “Umbuzeiro”, localizado à margem do Rio Condado, foi ponto inicial para o povoamento, tornando-se, em pouco tempo, o maior centro populacional da região” (ALENCAR, 2000, p. 09).

Esse contexto de movimentos migratórios ocorridos em direção à região que compreende Pio IX e as primeiras ocupações de terras na margem do Rio Condado, conforme indica Alencar (2000) reforçam nosso entendimento de que houve uma habitação nesse território com vistas ao desenvolvimento de atividades de agricultura e pecuária que permitissem o sustento daqueles sujeitos. O espaço que foi ocupado nas proximidades do rio Condado podia ser considerado ideal, apresentando “terras arenosas e de argilas, todas de aptidão para o plantio de milho, feijão, algodão e mamona, além de muitas leguminosas e gramíneas nativas que supriam, de certo modo, as necessidades do criatório da época” (ALENCAR, 2007, p. 14).

Desse modo, a região mostrava condições favoráveis pela existência de solos adequados ao seu cultivo, elemento necessário perante determinadas condições de busca daqueles indivíduos pela subsistência.

Essas habitações possibilitaram a formação de um povoado que consistia inicialmente em uma pequena comunidade onde as pessoas trabalhavam para conseguirem seu sustento em atividades de pecuária e agricultura, onde os principais produtos eram o feijão, milho e a mandioca (ALENCAR, 2000, p. 28). Assim, compreendendo as características principais da presença e ocupação dos primeiros povoadores de Pio IX, podemos apontar a prática da agricultura e da pecuária como elementos propulsores do surgimento dos primeiros aglomerados populacionais naquela região, que posteriormente desencadearam um crescimento populacional, refletindo na construção e/ou formação de espaços urbanos.

Várias outras cidades do interior do Nordeste brasileiro possuem um caráter histórico de formação a partir de fazendas de gado e realização de atividades pecuaristas. Dessa forma, a formação do município de Pio IX também está atrelada às fazendas e a uma sociedade absolutamente rural. Porém, não se constituem condições isoladas e desconexas. Ou seja, as características presentes num local – num ambiente rural, por exemplo – também podem ser identificadas em outro – num ambiente rural ou urbano –, enquanto fruto de práticas e atributos de um mesmo contexto histórico.

Cada sociedade, embora pertencendo a um mesmo país, a uma mesma região e até a um mesmo Estado, possui suas singularidades, características próprias desenvolvidas no decorrer do tempo, que influenciam de forma direta a vida cotidiana de homens e mulheres que habitam determinado espaço geográfico. Entretanto, apesar de existirem as particularidades, existem também as pluralidades socioculturais que se repetem e caracterizam determinadas regiões, a exemplo do sertão nordestino. (VIEIRA, 2005, p. 65).

Dialogamos com as reflexões da professora Maria Alveni Barros Vieira², que permite compreensões acerca do surgimento histórico da cidade de Picos-PI, para estabelecermos relações de proximidade acerca das condições de análise histórica da cidade de Pio IX.

Independente do seu curral de origem, é possível afirmar que o surgimento da povoação de Picos não foi diferente do surgimento de outras povoações piauienses; ou seja, uma comunidade organizada a partir do criatório de gado, inicialmente como uma fazenda plantada às margens do rio Guaribas pelo colonizador português, que chegava ao sertão do Nordeste brasileiro, em terras distantes do litoral, onde o poder não estava concentrado nas mãos dos senhores de engenho, mas nas dos senhores criadores de gado [...] (VIEIRA, 2005, p. 26).

A pesquisadora Maria Alveni Barros Vieira sugere que os primeiros povoamentos que contribuíram para a formação da cidade de Picos tiveram início com o crescimento da pecuária, com a busca por novas áreas para criar o gado, terras que fossem propícias ao surgimento das pastagens. Com isso, criadores de gado chegaram à região da atual cidade de Picos, no vale do rio Guaribas, espaço que já possuía algumas fazendas desde meados do século XVII (VIEIRA, 2005).

Ao analisarmos brevemente essas características da formação do município picoense podemos entender que o contexto histórico da constituição da cidade de Pio IX não condiz com um caso particular, tendo em vista que muitas cidades, sobretudo no Nordeste, tiveram um início pautado em formas de vida organizadas nas fazendas. Essas formas de vida perduram até o momento atual no município em estudo, levando em conta que estruturas sociais baseadas em uma vida rural solidificaram-se na formação cultural e social dos sujeitos de forma bastante significativa.

Os elementos que constituíram a formação de cidades como Pio IX e Picos determinaram não apenas condições de desenvolvimento populacional e habitacional dessas áreas, mas também a formação cultural e social dos sujeitos que estavam inseridos nesse contexto, como as atividades de trabalho, as relações entre os sujeitos e grupos, os valores, os

² Maria Alveni Barros Vieira é natural de Picos, graduou-se em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. É ainda Mestra e Doutora em Educação e autora do livro “Educação e Sociedade Picoense: 1850 a 1930”, publicado no ano de 2005.

costumes, as crenças, práticas de lazer, etc. Todos esses aspectos foram disseminados naquelas sociedades e influenciaram nos rumos que as cidades tomaram no sentido de um crescimento daqueles núcleos populacionais.

Essa condição de “cidade rural” ainda iria perdurar em Picos durante algum tempo, sendo extinta aos poucos, na medida em que a população urbana foi-se densificando e outras atividades comerciais começaram a se destacar das atividades rurais. Entretanto, tal condição ultrapassaria a década de vinte, continuando a persistir, no município, um modelo de sociedade com características rurais, onde as personagens principais encontravam-se representados pelo agricultor e pelo criador de gado [...] (VIEIRA, 2005, p. 70).

Vieira (2005) nos explica que a localização geográfica da região que atualmente compreende a cidade de Picos contribuiu para a presença de vários sujeitos ou grupos – comerciantes e vaqueiros de diferentes províncias – em passagem pelo povoado durante suas viagens. Essas migrações foram preponderantes para o crescimento local, rapidamente alcançando o título de vila. O crescimento do povoado provocou a construção de uma capela dedicada a São José de Botas [atual Igreja do Sagrado Coração de Jesus], por volta de 1830, embora não tenha se consolidado como Padroeiro, sendo escolhida Nossa Senhora dos Remédios, por conta da devoção do povo pela mesma. Picos foi elevada à posição de Freguesia em 1851 e representou, na prática, a tendência colonizadora portuguesa de que onde se formasse um pequeno povoado, seria erguida a cruz, o altar e a capela (VIEIRA, 2005, p. 31).

A pesquisadora Maria Alveni Barros Vieira ainda enfatiza que o rompimento dessa sociedade exclusivamente rural foi um processo longo e somente tornou-se possível no momento em que uma população urbana passou a crescer em contraposição a população rural, além do desencadeamento de atividades comerciais externas ao contexto agrário.

Conforme analisamos, o primeiro núcleo populacional do município de Picos possuía algumas condições particulares bastante propícias ao crescimento local, como a própria posição geográfica da cidade, que possibilitou o encontro de sujeitos de vários locais, estabelecendo de uma maneira mais intensa as relações comerciais, sociais, etc. Desse modo, por apresentar um crescimento populacional significativo passou por uma elevação à categoria de Vila, posteriormente sendo construída uma capela.

Essa história da formação da cidade de Picos nos ajuda a entender os aspectos que possibilitaram um adensamento populacional do primeiro núcleo da cidade de Pio IX, que provocou alterações mais significativas em meio ao contexto estritamente rural até então apresentado. Assim, no próximo tópico, abordaremos elementos ligados à Igreja Católica e ao

missionário Padre Ibiapina, sujeito que inseriu naquela comunidade elementos de grande valoração ao catolicismo, possibilitando a consolidação de uma cultura religiosa católica na cidade de Pio IX, característica esta que perdura até os dias atuais.

1.2 A presença missionária de Padre Ibiapina

Nesse contexto de intensificação populacional e organização da ocupação dos espaços, caracterizando traços de uma formação urbana, Pio IX apresenta aspectos particulares. A história do município passa a partir de então a estar alinhada à presença da Igreja Católica no núcleo de povoamento até então existente. Entretanto, o estabelecimento da Igreja no referido povoado transcorre a atuação da própria Igreja, enquanto instituição religiosa, pois está ligada à imagem do missionário Padre Ibiapina.

Nesse momento ganha destaque a presença do Padre José Antonio Pereira de Maria Ibiapina³ em solo piononense. Conhecido como o apóstolo do Nordeste, Ibiapina percorria várias regiões do Nordeste brasileiro desempenhando um papel missionário e também proporcionando melhorias de infraestrutura nos lugares por onde passava. Em Pio IX o surgimento da Igreja Católica está intimamente ligado à sua presença, possibilitando o início de um desenvolvimento urbano, sobretudo pela maior habitação naquele local.

Acerca da vida missionária de Padre Ibiapina, Alberto Rodrigues de Oliveira⁴, em sua Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Católica de Pernambuco, nos apresenta seu perfil e as atividades que realizou pelos lugares onde passou.

Atuando como missionário naquele período, o Pe. Ibiapina implementou numerosas obras sociais. Seu talento imprimiu uma peculiaridade ao seu modo de agir, levando-o a construir, em reduzido espaço de tempo, em regime de mutirão, significativa quantidade de obras, pelo interior de cinco províncias nordestinas. Por meio do mutirão, Ibiapina distribuía responsabilidade e despertava potenciais a serem postos a serviço do bem comum das comunidades. (OLIVEIRA, 2007, p. 4).

³ José Antonio Pereira de Maria Ibiapina nasceu em 05 de agosto de 1806, na cidade de Sobral, no Ceará. Filho de Francisco Miguel Pereira e de Maria Teresa de Jesus, formou-se em Direito no ano de 1832 e devido uma necessidade da Nação por docentes na área jurídica e juizes de Direito para as comarcas foi nomeado professor do curso de Direito, Juiz de Direito de uma comarca do Ceará e lançado candidato a Deputado Geral, sendo eleito e passando a representar este mesmo estado. Entretanto, Ibiapina renunciou todas essas ocupações e direcionou suas práticas para uma vida sacerdotal, porém, não atuou de uma maneira fixa, ficando com responsabilidades delimitadas. Desenvolveu uma vida de peregrinação pelo interior de todo o Nordeste brasileiro, levando mensagens do Evangelho e caridade às pessoas humildes e em situações adversas. Suas viagens tiveram início em Pernambuco e depois atingiram Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. Por onde passou atuou de acordo com valores religiosos, pautados no trabalho coletivo e busca por melhorias nas condições de vida do povo, fazendo-o edificar Casas de Caridade, Igrejas, Capelas, cemitérios, açudes, além de prestar assistência espiritual, etc.

⁴ Autor da Dissertação intitulada “Da fé à promoção social: a atividade missionária do Padre Ibiapina”, defendida no ano de 2007.

De acordo com Oliveira (2007) Padre Ibiapina deslocava-se de região para região no interior do Nordeste em busca de estabelecer melhorias sociais tendo em vista as necessidades particulares de cada local. Essas práticas sociais desenvolvidas pelo referido Padre somente tornaram-se possíveis graças à disseminação da fé e do poder divino, valores fortemente defendidos por ele e que seriam capazes de reunir os sujeitos de cada local para juntos defenderem ideias e projetos que favorecessem a todos.

A respeito da peregrinação de Padre Ibiapina pelo sertão nordestino Miguel Sebastião Maia Chaves Arrais⁵ (2008) afirma que quando este chegou ao Piauí, no final do ano de 1870, provinha da cidade de Bezerros-PE e atravessando a Chapada do Araripe chegou à Fazenda Carnaubinha, a qual deu origem ao município de Pio IX, onde iniciou imediatamente a construção da Igreja e do cemitério (ARRAIS, 2008). “Dessa época até o ano de 1871, quando o Padre Ibiapina fundou a capela de São Miguel e iniciou a construção da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, outras famílias se fixaram naquele que seria o futuro território patrocínense [...]” (ARRAIS, 2008, p. 91).

A ação de Padre Ibiapina possibilitou como iremos analisar o surgimento dos primeiros vestígios de uma organização urbana na cidade de Pio IX. Com a contribuição de José de Alencar Bezerra⁶ podemos compreender as características pessoais e práticas de atuação do Padre Ibiapina na região de Pio IX, principalmente na forma de interação com os sujeitos e grupos já presentes naquela comunidade, disseminando aspectos como a fé e o trabalho para a vida do homem. Ibiapina provocou alterações substanciais na estrutura social e cultural daquela comunidade.

Os anos de 1870 e 1871, tiveram grande influência na formação espiritual das populações sul, leste da Província, com o apostolado do sacerdote cearense, Padre José Antônio de Maria Ibiapina. Homem de princípios rígidos, mas de grande amor ao trabalho, e com imenso desejo de servir, inculcou no povo os sentimentos de caridade e honestidade. (BEZERRA, 1979, p. 16).

Com um caráter rígido, focado na crença religiosa e no poder do trabalho, Ibiapina mobilizou os piononenses para a construção da Igreja sob invocação de Nossa Senhora do Patrocínio, com atitudes e sentimentos profundamente marcados pela fé e crença no poder divino.

O local escolhido para a construção da Igreja estava localizado no alto umbuzeiro, doado por Vidal Correia Lima e sua esposa Joaquina Chavelina de Alencar, e media 100 braças em quadro, conforme declaração de Nivardo

⁵ Miguel Sebastião Maia Chaves Arrais é piononense, Engenheiro Civil da Universidade Federal de Pernambuco e autor do livro “Terra e Gente do Patrocínio”, publicado no ano de 2008.

⁶ José de Alencar Bezerra é piononense, autor do livro “No Mundo do Folclore”, do ano de 1979.

Saldanha de Alencar, feita em 1909, por ocasião da instalação da Paróquia. (ARRAIS, 2008, p. 92).

Arrais (2008) nos situa sobre a estadia de Padre Ibiapina em solo piononense, afirmando que o tempo em que o apóstolo do Nordeste dispunha e esteve no local foi relativamente curto, levando-o a não concluir a construção da Igreja. Desse modo, “resolveu concluir o cemitério com capela anexa, sob a invocação de São Miguel, deixando a conclusão da futura Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio sob a responsabilidade dos moradores” (ARRAIS, 2008, p. 93).

Utilizamos como fonte histórica a respeito da presença e atuação do missionário Padre Ibiapina na cidade de Pio IX a Revista Piauiense dos Municípios⁷ do segundo semestre do ano de 1955, sendo esta uma edição especial em comemoração ao centenário do município de Picos-PI. Em seu conteúdo encontra-se uma nota de Heli Bezerra, que segundo Alencar (2000) exerceu o mandato de prefeito de Pio IX durante os anos de 1936 a 1945. No texto o piononense apresenta informações históricas do referido município, acrescentando subsídios a cerca da construção da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio.

Padre Ibiapina concluiu apenas um apartamento que lhe serviu de rancho durante a sua permanência em Pio IX, cujo quarto seria, mais tarde, adido à Igreja, servindo-lhe de sacristia. Voltando, então, suas vistas para a construção da Capela de São Miguel, deixou pronta em poucos dias, bem como o cemitério que circundava à mesma. Ao fim de sua proveitosa missão, porém, estava no local todo o material necessário à construção da Igreja de N. S. do Patrocínio e as paredes levantadas bem próximas ao pé-direito. (REVISTA PIAUIENSE DOS MUNICÍPIOS, 1955).

Tendo em vista o caráter missionário de Padre Ibiapina, não permanecendo de maneira definitiva na região de Pio IX, edificou a Capela dedicada a São Miguel e estabeleceu determinada interação com os moradores do povoado com a finalidade de instituir condições propícias ao desenvolvimento da construção da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio pelos próprios moradores em regime de mutirão, mesmo após estar ausente do povoado. Conforme indicou Bezerra (1979), somente com a força espiritual e moral que Padre Ibiapina exerceu sobre a população piononense, foi possível a organização e início dos trabalhos de construção da referida Igreja.

Assim, como já foi exposto em relação à origem de várias cidades atuais ligadas às fazendas de gado e práticas de agricultura e pecuária, a edificação de templos religiosos nos referidos povoados, sobretudo igrejas e capelas, também se apresenta como uma característica comum a alguns municípios. A forma pela qual eram construídas, em regime de mutirão pelos

⁷ A Revista Piauiense dos Municípios encontra-se disponível no acervo do Museu Ozildo Albano, na cidade de Picos-PI.

moradores locais, representava assim a influência de valores Católicos no comportamento e nas ações do homem, e posteriormente viria a alterar as estruturas sociais e o cotidiano das pessoas nas comunidades após a sua conclusão.

Essa compreensão nos remete ao trabalho de Gislayne Oliveira Santana, que estuda aspectos históricos e religiosos da cidade de Dom Expedito Lopes-PI. Ela faz uma análise histórica do surgimento da cidade e dos primeiros vestígios de práticas religiosas no referido local. Compreendendo a “Fazenda Cabeço” e as atividades de subsistência nela desenvolvidos como primeiro núcleo populacional da região que originou Dom Expedito Lopes, inicia-se posteriormente um potencial processo de povoamento.

Ainda durante a existência do povoado, a população passou a reivindicar à cidade de Oeiras, a qual pertencia judicialmente, a presença de um padre naquele povoado para a celebração de missas na localidade. A solicitação foi atendida tendo sido encaminhado o Padre Silva ao povoado, passando a realizar celebrações embaixo de um cajueiro, tendo em vista a ausência de um templo religioso (SANTANA, 2014, p. 33).

Todo esse contexto de anseio popular por um maior atendimento religioso acabou por estabelecer o surgimento da primeira capela daquele povoado, sob participação do referido Padre Silva e de parte da população local.

Com incentivo e convite do mesmo padre, os fiéis fabricaram materiais para a construção de uma capela, realizaram promoções que eram animadas pelo tocador de Rebeca chamado Rufino, o material foi levado até o local e depois de algum tempo a capela foi construída. Várias procissões foram realizadas para a construção que aconteceu no ano de 1928. (SANTANA, 2014, p. 33).

O surgimento dos templos e de uma organização mais efetiva das práticas religiosas católicas nos povoados que originaram as cidades de Pio IX e Dom Expedito Lopes possuem especificidades, ocorrendo cada uma de acordo com os sujeitos presentes nos processos de construção dos espaços sagrados. Porém, buscamos entender de forma semelhante o posicionamento e participação coletiva dos sujeitos de ambos como condizentes com os valores católicos difundidos pelo Padre Ibiapina em Pio IX e pelo Padre Silva em Dom Expedito Lopes. A atuação dos sacerdotes foi determinante no estabelecimento de condições favoráveis ao cumprimento do trabalho em regime de mutirão na construção e organização dos templos em cada localidade.

Segundo Arrais (2008) a presença do Padre Ibiapina em solo piononense atuando de forma intensa no sentido de fortalecer a fé daquele povo e estabelecer uma união entre comunidade e Igreja, proporcionou, dessa forma, que as atividades religiosas passassem a ocorrer de uma maneira cada vez mais intensa. Ele apresenta que algumas práticas religiosas

católicas ocorreram antes mesmo da conclusão da construção da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio pelos moradores locais.

A partir de abril de 1871, o vigário de Jaicós, padre Claro Mendes de Carvalho, concedeu licença ao reverendo missionário José Antônio de Maria Ibiapina para officiar solenemente o sacramento do batismo na fazenda Carnaubinha e adjacências. O padre permaneceu na fazenda Carnaubinha até o final de maio deste ano, conforme os registros eclesiásticos da Paróquia de Jaicós, onde constam batizados oficiados pelo mesmo em 28 de maio de 1871, na fazenda Carnahybinha. (ARRAIS, 2008, p. 93).

De acordo com o autor acima as realizações de sacramentos, como o batizado, realizado em solo piononense pelo Padre Ibiapina passaram a acontecer mesmo quando o povoado ainda era pertencente ao município de Jaicós. No que se refere à conclusão da Igreja, a data ainda é incerta, porém, “é fato que em 1875 isto já havia acontecido, visto que há registros de batizados feitos pelo padre Custódio Francisco de Arraes, na Capella do Pionono, em novembro do referido ano” (ARRAIS, 2008, p. 93).

A presença do missionário Padre Ibiapina no território piononense provocou determinadas alterações físicas e cotidianas naquele povoado, sobretudo, pela construção da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio e pelo desenvolvimento de práticas religiosas que passaram a ocorrer cada vez mais intensas. Todo esse cenário foi preponderante para o estabelecimento do crescimento populacional e habitacional daquela comunidade, conseqüentemente em torno da igreja local. Através dessas condições estabelecemos discussões sobre o desenvolvimento urbano do município que está relacionado com a existência da Igreja Católica e todos os valores e ações pertinentes a esta instituição religiosa.

1.3 A cidade *imaginada e sentida*

[...] a cidade foi, desde cedo, reduto de uma nova sensibilidade. Ser cidadão, portar um *ethos* urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam. As cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos.” (PESAVENTO, 2007, p. 11).

Através das contribuições de Sandra Jatahy Pesavento (2007) podemos entender a cidade como um espaço de relações entre os sujeitos, sendo, portanto, uma obra humana. São

nas cidades que ocorrem as práticas cotidianas dos indivíduos, perante valores, crenças, necessidades e desejos, determinando assim condições que definem sua formação. A cidade também pode ser representada por meio da escrita, das imagens, canções, etc, onde o homem reflete seu sentimento, sua sensibilidade, sua visão e entendimento sobre os espaços urbanos e toda a lógica humana presente neles.

As cidades foram, desde há muito tempo, objeto de variadas escritas, desde aquelas que se intitulavam histórias ou crônicas de uma urbe e que, portanto, tinham estatuto de veracidade, por construírem uma narrativa do acontecido, de um passado ou de um presente de uma cidade, até as obras de caráter literário, a celebrarem ou condenarem o urbano em prosa e verso. (PESAVENTO, 2007, p. 18).

Analisamos o contexto histórico da construção da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, em Pio IX, sob a ótica de alguns piononenses para buscarmos compreensões necessárias sobre as consequências do contato de Padre Ibiapina com a população local, bem como, a forma pela qual a construção do referido templo religioso possibilitou o início do crescimento urbano da cidade. Odon Antão de Alencar⁸ apresenta informações a cerca da obra de edificação da Igreja Católica.

Quero aqui registrar um fato que vale a pena lembrar, no que diz respeito a essa tão grandiosa e importante história sobre as construções do padre Ibiapina, pois trata-se da mão-de-obra disponível na época que, além de não ser especializada, tudo era feito artesanalmente, inclusive o desdobramento daquele madeiramento pesado, cujos carpinteiros dispunham apenas de uma ferramenta rústica e simples como o machado, a enxó, o serrote, acrescentados de outros pequenos utensílios e todos de origem estrangeira, uma vez que o Brasil não dispunha ainda de fábricas desse material. Da mesma forma, não existia o cimento e usava-se cal virgem, traçado com barro e areia, dando origem às argamassas com que eram levantadas as paredes de tijolos. Pois, era assim que esses rústicos e abnegados mestres-de-obras se dedicavam e trabalhavam nas construções daquela época. (ALENCAR, 2007, p. 39).

Alencar (2007) aponta as condições estruturais existentes na época para a construção da Igreja, onde inexistiam objetos e ferramentas que seriam fundamentais para facilitar no desenvolvimento dos serviços diários naquela obra. Desse modo, aqueles indivíduos atuaram de maneira perspicaz, adequando alguns instrumentos para o uso no trabalho. Entretanto, não podemos nos ater simplesmente e exclusivamente às questões físicas ou materiais, tendo em vista que esse processo de construção da Igreja foi resultado da participação de vários sujeitos e principalmente das relações estabelecidas por eles ao longo do serviço coletivo.

⁸ Nasceu em Pio IX no ano de 1931, é formado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e autor do livro “Minha Vida nos Baixios” que foi publicado no ano de 2007. Sua obra apresenta informações históricas e de vários aspectos do município de Pio IX entre as décadas de 1940 e 1950, englobando elementos da vida cotidiana das pessoas, passando critérios econômicos e sociais.

Percebemos então que a atuação missionária de Padre Ibiapina no cenário da edificação da Igreja no então povoado de Pio IX é permeada de lendas, algumas delas que foram transmitidas de geração a geração e são hoje avaliadas. As obras folclóricas de alguns piononenses permitem uma análise histórica acerca da forma de interação social entre o missionário e os primeiros habitantes da cidade.

Ao analisarmos as obras que retratam o aspecto histórico da cidade de Pio IX, sobretudo, a presença e atuação de Padre Ibiapina no processo de construção da Capela de São Miguel e da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, torna-se necessário percebermos a carga de valores presente em cada verso, os quais, narram a história de Ibiapina em meio ao povo daquela comunidade, apresentando aspectos de um poder divino que foi capaz de mobilizar todos em prol de um projeto do referido missionário, interagindo toda a população na edificação da Igreja.

Sem dúvida, essa cidade sensível é uma cidade imaginária construída pelo pensamento e que identifica, classifica e qualifica o traçado, a forma, o volume, as práticas e os atores desse espaço urbano vivido e visível, permitindo que enxerguemos, vivamos e apreciemos desta ou daquela forma a realidade tangível. (PESAVENTO, 2007, p. 15).

Buscamos ampliar nossa compreensão sobre aspectos da presença e práticas de Padre Ibiapina em Pio IX, assim como entender as suas representações no imaginário do piononense, que passa a atribuir significações e determinações à história do município. Portanto, José de Alencar Bezerra, escritor e poeta folclorista nos permite através de seus versos, os quais recolheu da tradição oral em Pio IX, analisar a forma como a Igreja foi construída, a partir da interação entre Pe. Ibiapina e a população local.

Milagre de Nossa Senhora

Coro

Foi milagre, milagre
Eu repito agora,
Milagre, milagre
De nossa Senhora.

Padre mestre Ibiapina,
Percorria os sertões,
Construiu muitas Igrejas,
Converteu as multidões,
Pedreiros e carpinteiros,
Tinha em sua companhia,
Eram sólidas e bem feitas
As construções que fazia.

Foi no século XIX,
Que deixou o Cariri,

E no ano de setenta,
 Penetrou no Piauí.
 Na fazenda Carnaubinha
 Uma Igreja edificou
 Deu o nome de Pio IX
 A cidade que fundou.

O oleiro Pedro Antunes,
 Construía o seu roçado,
 Ainda faltava um lance,
 Pra completar o cercado,
 Quando o Padre Ibiapina,
 Lhe falou em certa hora:
 Eu desejo que me faça,
 Telhas pra Nossa Senhora.

Padre mestre, meu legume
 Já começou a nascer...
 Se eu não construir a cerca,
 Sei que os bichos vão comer.
 - Não, porque Nossa Senhora
 Cuidará do seu roçado.
 O bom homem concordou
 Ficou tudo combinado.
 Arbustos foram crescendo
 Com ramos entrelaçados,
 Formou-se uma grande cerca
 De cipó emaranhados;
 Gado passava por fora,
 Podia se ver o rastro
 Foi imensa a fortuna,
 De legumes e de pasto [...]
 (BEZERRA, 1979, p. 17 e 18).

O poema produzido por José de Alencar Bezerra nos abre um leque de aspectos a serem analisados e que permitem a compreensão de alguns elementos atrelados à edificação da Igreja. De acordo com o caráter sagrado que esta obra apresentava, os piononenses das mais variadas posições e ocupações na comunidade trabalharam com fé e devoção, onde profissionais como pedreiros, carpinteiros e oleiros destinaram-se ao serviço cotidiano de construção da Igreja. Bezerra (1979) nos possibilita fazer uma análise mais detalhada sobre as relações entre os sujeitos envolvidos na referida construção e o Padre Ibiapina, compreendendo a forma como o mesmo interagiu com o povo, inserindo naquele contexto elementos grandiosos e que estimularam a fé daquelas pessoas a participarem do projeto social que foi proposto.

Para que se tornasse possível a construção da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, era preciso uma entrega por parte do povo tendo em vista a grande necessidade de mão de

obra para construir o templo sagrado, conforme Alencar (2007). Em compensação, aquele que se dedicasse ao serviço seria protegido e receberia graças da Padroeira, como no caso do oleiro Pedro Antunes, que apesar de ocupado nas suas atividades agrícolas, onde construía uma cerca para proteger sua plantação do ataque dos animais, comprometeu-se a produzir as telhas necessárias para cobertura da Igreja a pedido do Padre Ibiapina, visto que, este teria lhe garantido a proteção e zelo do seu roçado, convencendo-o a deixar sua plantação sob a proteção divina de Nossa Senhora do Patrocínio e a dirigir seus esforços para ajudar na conclusão da Igreja.

O poema também nos possibilita enxergar um sentido de valorização e aceção do folclorista ao Padre Ibiapina, sendo caracterizado como o grande responsável pela edificação da Igreja. Conforme buscamos estabelecer, o referido missionário atuou de maneira decisiva no processo de surgimento da mesma, tendo em vista que recebeu a doação do terreno para tal fim, conseguiu difundir naquela população sentimento e condições favoráveis ao trabalho coletivo na obra prevista por ele.

Entretanto, desconsiderar que a presença da população local foi determinante para o êxito na construção torna-se impraticável, tendo em vista que Pe. Ibiapina não dispôs de tempo suficiente para a conclusão da obra, tendo sido finalizada sob responsabilidade dos moradores locais. Portanto, torna-se coerente considerar a participação geral da comunidade em prol da consolidação da Igreja, dessa forma, rompemos com o entendimento atribuído pelo poeta em caracterizar e definir Ibiapina como único responsável.

Entendemos o olhar do piononense para a história do município, sendo esta difundida por ele em seus versos, como uma transcrição real daquele passado histórico. Dessa forma, apresentamos nossas compreensões e nos afastamos desse entendimento. No que tange às contribuições do escritor e poeta folclorista José de Alencar Bezerra, utilizamos de sua perspectiva para pensar sobre o perfil religioso daquela população, apresentando-se favorável à instalação da Igreja no povoado e participando efetivamente na sua consolidação, conforme ideal disseminado pelo Padre Ibiapina enquanto esteve na região. Porém, rejeitamos a ideia do missionário como único responsável pela formação da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio e como possível fundador do município de Pio IX.

A poetisa Custódia Matutina de Alencar (2000) também nos contribui com seus versos, inseridos no livro “Município de Pio IX”, também de sua autoria. Através de sua ótica podemos novamente analisar o contexto histórico da cidade sob a perspectiva da presença e atuação do Padre Ibiapina no solo piononense, sendo entendido como responsável pela construção da Igreja e surgimento da cidade, o que estabelece um sentimento de grande

representatividade ao mesmo. É possível compreendermos também o sentimento de fé e confiança que é depositada na Virgem do Patrocínio, a qual protege cada piononense através do seu poder divino, conforme é narrado pela autora. Enxergamos essa condição como reflexo da forte crença na Padroeira local, resultado da inserção e fortalecimento dos ideais religiosos católicos em Pio IX ao longo de sua história.

PIO IX, MINHA TERRA QUERIDA

Pio IX, minha terra querida!
 Filha da Fazenda Umbuzeiro
 Tu és um pequeno pedaço
 Do nosso grande solo brasileiro.
 Alguns piauienses e cearenses
 Foram teus primeiros moradores
 Lutaram com muita firmeza
 Nas suas penetrações e labores.
 Tua Igreja que foi construída
 Pelo grande Padre Ibiapina
 É um marco bastante forte
 Que ao povo fiel fascina.
 Sob a grandiosa proteção
 Da Santa Virgem do Patrocínio
 O povo da minha terra
 Se ampara no seu domínio...
 (ALENCAR, 2000, p. 55).

Os poetas e escritores piononenes apresentam, portanto, seus conhecimentos sobre a formação histórica da cidade de Pio IX onde externam as suas compreensões e sensibilidades sobre o desenvolvimento do município e a presença de alguns aspectos atrelados nesse processo.

A poetisa Custódia Matutina de Alencar expõe em sua escrita o caráter religioso do povo, que possui um sentimento de fé na proteção divina da Padroeira local. Ou seja, o caráter divino está presente na vida social dos sujeitos e permite ser enxergada através das representações dos poetas, que exibem seus sentimentos, valores e reflexões de uma cidade que cresceu com fortes ligações físicas e morais à Igreja Católica.

Mas essa cidade do passado é sempre pensada através do presente, que se renova continuamente no *tempo do agora*, seja através da memória/evocação, individual ou coletiva, seja através da narrativa histórica pela qual cada geração reconstrói aquele passado. É ainda nessa medida que uma cidade inventa seu passado, construindo um mito das origens, recolhendo as lendas, descobrindo seus pais ancestrais, elegendo seus heróis fundadores, identificando um patrimônio, catalogando monumentos, atribuindo significados aos lugares e aos personagens, definindo tradições, impondo ritos. Mais do que isso, tal processo imaginário de invenção da cidade e de escrita de sua história é capaz de construir utopias, regressivas ou progressivas, através das quais a urbe sonha a si mesma. (PESAVENTO, 2007, p. 16).

Por meio dos poemas analisados torna-se perceptível o papel de importância atribuído ao missionário Padre Ibiapina na região de Pio IX, englobando toda a sua prática social, refletida nas construções dos templos católicos assim como nas atividades religiosas, no exercício dos sacramentos. Dessa forma, os autores externam seus entendimentos sobre o passado histórico enfatizando elementos que são valorizados por eles, sob uma perspectiva do tempo presente, construindo determinados significados à formação do município e aos sujeitos presentes nesse processo de construção.

Todavia, cabe a nós estabelecermos uma compreensão crítica a respeito da posição do Padre Ibiapina e da Igreja Católica – enquanto instituição religiosa – na história do município. A partir desse entendimento buscaremos analisar o processo de crescimento habitacional ocorrido no povoado a partir da consolidação da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio.

1.4 Uma urbe em torno da Igreja

Assim como já nos posicionamos anteriormente a cerca da influência do Padre Ibiapina no crescimento do povoado de Pio IX e do legado que deixou para a população, torna-se interessante dialogar com Arrais (2008), que questiona o caráter atribuído a Ibiapina enquanto fundador da cidade, apresentando assim uma compreensão diferente do entendimento construído pelos poetas, que se valeram de conhecimentos que se perpetuaram geração após geração e mostram-se carregados de valores.

Talvez seja exagero afirmar-se que o padre Ibiapina tenha sido o fundador de Pio IX. Na verdade, quando o padre chegou, já existia um pequeno aglomerado de casas, nas imediações de onde hoje se localiza o cruzamento das ruas Sebastião Arrais e Felix Pacheco. A construção da igreja foi que contribuiu sobremaneira para a criação da freguesia, em virtude do rápido desenvolvimento do povoado, principalmente pela construção de novas casas no seu entorno. (ARRAIS, 2008, p. 93).

Portanto, paralelamente ao que defende o autor acima, Ibiapina e toda a ação missionária que desenvolveu no povoado de Pio IX foram importantes e geraram subsídios para um espessamento populacional. Entretanto, torna-se um posicionamento bastante simplista considerá-lo fundador do município, ao passo que se renega toda a população presente naquela comunidade antes mesmo da sua chegada e todas as atividades cotidianas que desempenhavam, assim como o papel decisivo dos populares que atuaram na edificação da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio.

Dessa maneira, definimos nosso posicionamento crítico e passamos a perceber a igreja como um ímã que atraía as pessoas. Seguindo a perspectiva da autora Raquel Rolnik (2004),

concebemos esse templo religioso como um ímã, ou seja, como um elemento que pode ser apontado como característica essencial da cidade seja ela de qualquer tempo histórico e localização, por entender que a cidade antes mesmo de ser o local permanente e/ou definitivo de trabalho e moradia do homem possui elementos que o atraem para si, que possibilitam o estabelecimento de uma concentração da população. A partir dessas reflexões de Rolnik compreendemos o contexto histórico do município de Pio IX, onde a edificação da Igreja Católica constituiu uma espécie de ímã que atraiu pessoas para habitarem os espaços em torno desse templo, proporcionando assim, o desenvolvimento do aglomerado urbano que foi a base da referida urbe.

Esse cenário religioso da Igreja de Nossa Senhora de Patrocínio como propulsora de um aglomerado urbano em suas proximidades provocou algumas consequências para o contexto urbano e social da cidade. Primeiro, por proporcionar que o povoado até então presente passasse por algumas alterações políticas. Segundo, por influenciar na própria nomenclatura da cidade.

Com a construção da igreja, a localidade se desenvolveu um pouco e o povoado se constituiu em Distrito de Paz, elevado à categoria de Freguesia, pela Resolução Provincial nº 1.078, de 13 de julho de 1883, com o provimento canônico consumado em 1888. Nesse mesmo ano, adquiriu categoria de Vila e Sede de Município, desmembrado de Jaicós, com a denominação de Patrocínio, em homenagem a Nossa Senhora do Patrocínio, pela Resolução Provincial nº 1.193, de 9 de outubro de 1888, cuja instalação do Município foi realizada no dia 8 de agosto de 1889. (ALENCAR, 2000, p. 09).

Apesar de nos colocarmos contra a definição do Padre Ibiapina como criador da cidade de Pio IX, não podemos refutar sua obra missionária e devemos considerá-la como importante aspecto para o desenvolvimento local. A contribuição de Alencar (2000) nos permite enxergar que a influência religiosa com a existência da Igreja Católica no local contribuiu para a expansão populacional e habitacional do povoado, passando a ser considerado Distrito de Paz e posteriormente elevado à condição de Freguesia, conseguindo em pouco tempo sua autonomia política.

Além dos aspectos físicos, materiais e emancipatórios, a interação realizada por Ibiapina com os primeiros povoadores da região também gerou bases para a solidificação de uma cultura religiosa católica no piononense, bem como os valores e crenças que estabeleceu perante o povo fizeram com que aqueles sujeitos passassem a ter padrões comportamentais e práticas de vida amplamente ligadas aos preceitos católicos e do próprio missionário. Compartilhamos o mesmo posicionamento de Arrais (2008) sobre a influência de Ibiapina na

região, onde afirma “Eu reconheço a importância da igreja para a criação da freguesia e para o desenvolvimento do povoado, assim como reconheço o grandioso trabalho de catequese e caridade do ilustre missionário do nordeste brasileiro” (ARRAIS, 2008, p. 15).

Nesse momento podemos compreender a posição de Ibiapina enquanto líder social, onde disseminou condições de vida coletiva que foram amplamente aceitos e praticados pela população. Toda essa determinação do missionário na formação espiritual dos piononenses refletiu na definição do nome do então município em 1888, que foi desmembrado da cidade de Jaicós-PI. A cidade passou então a se chamar Patrocínio em homenagem direta à Padroeira local, Nossa Senhora do Patrocínio, e também por um anseio dos moradores (ARRAIS, 2008).

Ao longo de sua história a cidade ainda sofreu algumas alterações no âmbito político, onde o então município de Patrocínio passou por um período distrital, sendo extinta a Prefeitura, passando a ser considerada apenas uma Agência Distrital, conforme consta do Decreto Estadual nº 1.279, de 26 de junho de 1931 (ALENCAR, 2000, p. 10). Posteriormente, Patrocínio ainda esteve subordinada a Picos, voltando a ter sua autonomia política alguns anos depois, como podemos ver

O Município de Patrocínio sofreu reformulações administrativas, perdendo inclusive sua autonomia, incorporando-se ao Município de Picos. Pelo Decreto Estadual nº 1.575, de 17 de agosto de 1934, entretanto, foi reintegrada a autonomia do Município, tendo como sede a Vila de Patrocínio, que foi elevada à categoria de Cidade em 1º de janeiro de 1939, segundo o disposto na Lei-Organica Federal nº 311, de 2 de março de 1938 e nos Decretos-Leis Estaduais nº 52, 121, 143 e 147, respectivamente, de 29 de março, 29 de agosto, 9 de novembro e 15 de dezembro, todos do ano de 1938. (ALENCAR, 2000, p. 10).

Conforme analisamos, a nomenclatura da cidade foi definida em meio ao contexto religioso católico bastante presente na população local. Porém, o nome de Patrocínio, dado à cidade por manifestação do desejo popular foi alterado

Em razão da legislação federal que proibia a duplicidade de topônimos das cidades e vilas brasileiras, o Município de Patrocínio teve sua denominação mudada para Pio IX, em homenagem ao Papa Pio IX que proclamou o dogma da Imaculada Conceição, pelo Decreto – Lei Estadual nº 754, de 30 de dezembro de 1943. Com a mesma denominação e composição é registrada atualmente. (ALENCAR, 2000, p. 10).

Desse modo, percebemos que a mudança do nome da cidade passou por um critério legal, tendo em vista a existência da Lei que não permitia cidades brasileiras com a mesma nomenclatura. Assim, o município de Patrocínio-MG teve a preferência por ser mais antiga.

Entretanto, enquanto o antigo nome de Patrocínio foi escolhido pelos moradores locais, o novo nome para o município representou uma condição diferente.

“Porque naquela oportunidade não se optou por Patrocínio do Norte, ou do Piauí?” (ARRAIS, 2008, p. 15). Enquanto buscamos encontrar determinada compreensão sobre essa questão, torna-se necessário manter diálogo com Arrais (2008) que problematiza sobre a escolha por Pio IX, que havia sido proposto anteriormente pelo Padre Ibiapina em homenagem ao Papa Pio IX⁹, como nome da cidade. Ele questiona se a definição desse nome reflete uma forma de reconhecimento ao trabalho do Padre Ibiapina e caso seja, por que não se homenageou diretamente o referido missionário. Faz-se necessário compreendermos que todo esse cenário possui significações de cunho religioso, pois diz respeito a uma sociedade que estava em constante crescimento e plenamente ligada à religião católica.

Arrais (2008) nos leva a entendermos que a denominação de Pio IX em favor da sugestão do Padre Ibiapina legitimou a crença religiosa e devocional da população em relação à Igreja Católica. Ele acrescenta que “Também é preciso reconhecer que o sumo pontífice, até mesmo pela enorme dificuldade de informação inerente à época, era algo muito distante da realidade do povo daquele remoto sertão. Sem contar que o Papa Pio IX foi um dos menos populares [...]” (ARRAIS, 2008, p. 15). Dessa forma, as limitadas informações e conhecimentos de mundo que percorriam aquela comunidade fizeram com que a escolha pelo nome de Pio IX, em conformidade ao desejo de Ibiapina e ligado à Igreja Católica como instituição religiosa, fosse definitivamente selada.

Apesar da emancipação política a cidade de Pio IX, sobretudo, na década de 1950, período de recorte desta pesquisa, não apresentava grandes condições físicas urbanas, as

⁹ O Papa Pio IX nasceu em Senigallia (Itália) a 13 de maio de 1792. Seus pais foram Gerolamo, dos nobres Mastai Ferretti, e Caterina Solazzi, da nobreza local. Recebeu as Ordens menores em 1817, o subdiaconado em 1818 e o diaconado em 1819. Nesse mesmo ano, por concessão especial, foi ordenado sacerdote. Desde o início manifestou-se como homem de oração, consagrado ao ministério da Palavra e do sacramento da Reconciliação, e também ao serviço dos mais humildes e necessitados. Aos 36 anos de idade, foi nomeado Bispo e destinado à Arquidiocese de Espoleto. Em 1832, foi transferido para outra diocese turbulenta, Ímola, onde continuou com o seu estilo de pregador fecundo e persuasivo, disposto a praticar a caridade com todos, zeloso do bem sobrenatural e material dos seus diocesanos, amante do clero e dos jovens seminaristas, promotor de iniciativas em favor da educação da juventude, muito sensível à importância e às exigências da vida contemplativa, inflamado de devoção ao Sagrado Coração de Jesus e à Virgem, bondoso para com todos, mas firme nos seus princípios. Em 1840, com apenas quarenta e oito anos, foi nomeado Cardeal. Em 16 de Junho de 1846, o Cardeal Mastai, que fugia das honras, foi eleito Papa e quis chamar-se Pio IX. O seu pontificado, devido às circunstâncias políticas derivadas da unificação da Itália e da perda dos Estados pontifícios, tornou-se sumamente difícil: por isso mesmo, foi um grande Papa, certamente um dos maiores. Impelido pelo desejo de cumprir a sua missão de "Vigário de Cristo", responsável dos direitos de Deus e da Igreja, foi sempre claro e directo: soube unir firmeza e compreensão, fidelidade e abertura. **Disponível em:** http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20000903_pius-ix_po.html Acesso em 15 de maio de 2015.

residências existentes no aglomerado urbano mostravam estruturas arquitetônicas bastante simples, entretanto, a vida cotidiana e as relações sociais que ali se davam, bem como as atividades de trabalho e as práticas econômicas que se desenvolviam consistiam em aspectos de grande importância, os quais buscaremos abordar.



Imagem 1: Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio e o pequeno aglomerado urbano em torno dela, em 1945.
Fonte: Nivardo Saldanha de Alencar

Fazendo análise da imagem acima podemos estabelecer determinadas compreensões a cerca do cenário físico da cidade de Pio IX no ano de 1945, embora as condições presentes nesse momento tenham se perpetuado por alguns anos, apresentando melhoramentos estruturais no início da década de 1950 que se intensificaram na década seguinte. A imagem reforça nosso entendimento até aqui apresentado sobre a formação do aglomerado urbano ao redor da Igreja Católica. Porém, cabe a nós intensificarmos a compreensão a cerca das formas de moradia existentes naquela sociedade, principalmente analisando as características apresentadas por elas, ligadas umas às outras e estabelecendo certa semelhança física.

Buscamos então estabelecer aproximações com Leila Mezan Algranti¹⁰(1997) que trabalha sobre aspectos da vida no Brasil colonial, onde a autora faz uma abordagem sobre as formas de moradia e os espaços de intimidade nela praticados, buscando compreender o início e a diversidade de sociabilidades ali existentes. Utilizamos das suas contribuições para defender que a estrutura física da cidade de Pio IX em fins da década de 1940 e início de 1950 e a vida cotidiana dos piononenses possuem vestígios de características históricas da colonização brasileira, bem como de todos os aspectos atrelados a esse contexto.

Algranti (1997) apresenta que durante o início da colonização as moradias mostravam-se bastante simples, levando em consideração que os moradores detinham pouco recurso,

¹⁰ Autora do capítulo “Famílias e vida doméstica” contido no livro “História da vida privada no Brasil”, volume 1, organizado por Laura de Mello e Souza (1997).

prevalecendo assim determinada homogeneidade nas construções urbanas, como casas de tamanho reduzido, sendo constituídas com materiais como barro, madeira e pedras, que eram disponíveis na região. Estas características apresentadas pelas residências dizem respeito a uma arquitetura portuguesa. A autora acrescenta que na colônia brasileira pelo fato do clima ser de temperatura elevada e as residências terem poucas portas e janelas para proporcionar o arejamento, as famílias passaram a ocupar sua área externa, tanto em momentos de lazer como de trabalho.

De acordo com o cenário analisado pela autora, podemos relacionar com as condições até então presentes em Pio IX, onde existiam semelhanças na estrutura das residências, prevalecendo um desenho homogêneo. As moradias, em geral, continham apenas portas frontais, tendo em vista que eram ligadas umas às outras, como pudemos perceber na imagem 1 acima. Desse modo, tanto pela organização física das casas, quanto pelas sociabilidades que se faziam mediante essa condição domiciliar, o panorama existente em Pio IX possui semelhanças à argumentação da autora sobre o período colonial brasileiro.

Como já vimos, a cidade de Pio IX possui relação de proximidade com a Igreja Católica de uma maneira bastante intensa desde os primeiros núcleos de ocupação da região, legitimando assim a própria proximidade das casas com a referida igreja. Outro aspecto que ganha destaque na paisagem urbana do município entre as décadas de 1940 e 1950, em conformidade com a condição física das residências que existiam, diz respeito à utilização do espaço em frente à Igreja, sobretudo, embaixo de uma árvore, especificadamente de Umbuzeiro, que ali existia (ver novamente a imagem 1) e proporcionava um vasto espaço coberto por sombra, promovendo encontros entre as pessoas e práticas de sociabilidade ao seu redor. Essa situação pode ser compartilhada pela declaração de Graziela Maia Arrais¹¹, onde afirma que “no centro da cidade ali em frente à Igreja tinha um pé de umbuzeiro, que servia de ponto da conversa daqueles coronéis, daqueles senhores mais velhos que vinham para aqui, ficavam lá conversando” (ARRAIS, 2015).

Sobre uma alteração no que diz respeito à estrutura física das residências no período colonial brasileiro, Algranti (1997) afirma que outros tipos de moradia surgiram posteriormente em decorrência do crescimento urbano e da diversificação da economia, passando a existir moradias mais sofisticadas, que foram ocupadas por membros da elite. Dessa forma, o aspecto externo das residências tornou-se fator de diferenciação social,

¹¹ Graziela Maia Arrais nasceu na cidade de Pio IX no ano de 1925. Trabalhou como professora na Escola Mista Padre Ibiapina e teve grande ligação com a Igreja Católica na década de 1950, atuando como organizadora de alguns eventos religiosos, como por exemplo, a Festividade da Padroeira de Nossa Senhora do Patrocínio. *Depoimento concedido a Erik de Alencar Antão de Carvalho*. Pio IX 2015.

tornando-se revelador das posições sociais dos moradores. Além da imagem e significação da parte externa das casas, passou a ocorrer uma maior diversidade no seu plano arquitetônico, refletido na divisão interna, onde enxergamos diferenças na moradia dos mais humildes e dos privilegiados.

A ideia defendida por Algranti (1997) reflete sobre as modificações físicas da cidade e nos remete à autora Raquel Rolnik, que afirma “A arquitetura da cidade é ao mesmo tempo continente e registro da vida social” (ROLNIK, 2004, p. 18). O argumento defendido por Rolnik diz respeito às formas de vida e práticas sociais presentes na sociedade que passam a determinar na sua organização estrutural, ou seja, a materialidade da cidade é reflexo dos sujeitos que habitam e das interações que realizam. Os espaços urbanos, portanto, se alteram fisicamente conforme critérios de poder, de capital, de subordinação de um sujeito ou grupo perante outro.

Torna-se necessário estabelecermos compreensões mais profundas sobre a sociedade pionenense em fins da década de 1940 e início de 1950, onde podemos enxergar um município com características bastante ligadas aos espaços rurais pela realização de atividades econômicas e de subsistência ligadas à produção agrícola, como mostra Arrais (2015) “Era a agricultura, só tinha a agricultura, o comércio era muito fraco, só mercadoria, agora no sábado tinha a feira, os agricultores vinham vender feijão, arroz, farinha, milho, batata, essas coisas” (ARRAIS, 2015).

O tamanho destes mercados era dado pelas fronteiras, isto é, pela extensão do domínio territorial da cidade e pelos custos de transporte. Assim, em um primeiro momento, os mercados urbanos eram somente locais, restritos a uma cidade, e a dimensão mercantil da cidade era secundária em relação à sua dimensão política. (ROLNIK, 2004, p. 26).

Levando em consideração as práticas econômicas realizadas em Pio IX estritamente voltadas para as produções agrícolas, podemos compreender que no interior desse processo de produção e comercialização surgiram alguns indícios de crescimento e diferenciação econômica de alguns sujeitos em relação a outros, proporcionando o estabelecimento de condições de poder nas relações de trabalho, legitimadas pela subordinação econômica e dos meios de produção, como podemos ver através do relato da depoente: “Por que, como seja, papai era agricultor aí tinha os pequenos agricultores, mas aí aqueles pequenos agricultores já iam trabalhar nas propriedades de quem possuía mais coisa, como papai, tio Luiz Carlos, Seu Joaquim Bezerra, Zé Inácio Arrais” (ARRAIS, 2015).

Podemos então analisar esse contexto local como elemento de grande importância, tendo em vista a formação de diferentes grupos sociais pela diferenciação financeira entre os

sujeitos, embora não se limite a isso, pois os fatores econômicos culminaram com o estabelecimento de diferentes posições e práticas cotidianas desses indivíduos, refletindo uma questão social, onde “[...] a organização da cidade passa a ser marcada pela divisão da sociedade em classes: de um lado os proprietários dos meios de produção, os ricos detentores do dinheiro e bens; de outro, os vendedores de sua força de trabalho, os livres e despossuídos” (ROLNIK, 2004, p. 39).

Retornamos à ideia defendida por Algranti (1997) de que o surgimento de uma elite na sociedade, resultante de uma condição de elevação financeira perante os demais indivíduos foi preponderante para a emergência de novas formas de moradia e de alterações nos espaços urbanos, marcados pela heterogeneidade dos grupos sociais que ocupam a cidade. No município de Pio IX essa lógica de modificação da estrutura urbana, especialmente, das residências pode ser sentida pela afirmação de Arrais (2015) “Chegou o tempo que tinha as casas mais organizadas. Tinha casas bem mobiliadas, mas tinha casas humildes também. Aquelas pessoas que podia comprar um mobiliário bom, comprava, quem não podia aí se conformava”.

Embora o município de Pio IX tenha apresentado um rápido crescimento do núcleo urbano que surgiu ao redor da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, tendo inclusive passado por acelerados e sucessivos progressos políticos e administrativos até sua emancipação, a cidade ainda apresentava durante a década de 1950 algumas características extremamente ligadas ao contexto rural, marcado pela predominância da vida no campo, alinhada ao viver urbano, e pela realização das principais atividades econômicas ligadas às práticas de agricultura e pecuária, conforme analisamos anteriormente, e da maneira como essas atividades e a solidificação de um grupo elitizado que se formou naquela sociedade em decorrência dessas práticas econômicas passaram a modificar a estrutura física das moradias, que até então se mostravam bastante simples e homogêneas.

1.5 Uma cidade em constante ascensão

Através de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes ao Censo Demográfico e Econômico do Estado do Piauí com indicativos do ano de 1950, podemos estabelecer um entendimento do panorama social e econômico do referido Estado e do município de Pio IX, especificadamente o nosso local de análise. Faz-se necessário compreender a preponderância de uma habitação dos espaços rurais na cidade de Pio IX

enquanto uma situação presente no Piauí como um todo, ou seja, essa condição não se constituía um caso isolado. Os números evidenciam essa conjuntura:

Tabela 01: Situação de domicílio da população do Estado do Piauí - 1950

Quadro urbano	Quadro suburbano	Quadro rural
Homens: 36. 953	Homens: 40. 926	Homens: 439. 306
Mulheres: 47. 034	Mulheres: 45. 671	Mulheres: 435. 806
Total: 83. 987	Total: 86. 597	Total: 875. 112

Fonte: Censo Demográfico e Econômico do Estado do Piauí – 1950.

Disponível: Agência do IBGE da cidade de Teresina-PI.

Em conformidade com o que apresentamos anteriormente, a cidade de Pio IX ainda constituía de forma lenta o seu espaço urbano, onde o papel das fazendas, enquanto recinto de moradia e que permitia aos indivíduos o uso da terra para o trabalho, caracterizava-se como um ambiente favorável à habitação, pois atendia às necessidades do homem naquele momento.

Como forma de apresentar quantitativamente a realidade dos domicílios no referido município, assim como de legitimar a semelhança no que diz respeito aos locais de moradia no Piauí e na cidade de Pio IX, fazemos uso dos dados do Censo Demográfico de 1950. O município possuía uma população de 10. 643 habitantes, sendo que 569 habitavam o quadro urbano, outras 87 pessoas estavam inseridas no espaço do subúrbio da cidade, enquanto 9. 987 pessoas moravam no quadro rural (IBGE 1950).

A manutenção dessa massa populacional presente nas áreas rurais encontra justificativa no processo histórico de colonização do Brasil, sobretudo a região Nordeste, proporcionando o surgimento e a manutenção das fazendas e das atividades agropecuárias, conforme apresentamos. Contudo, a ausência de uma estrutura física na vida urbana do município, atrelado a fatores propícios à vida nos ambientes rurais, como a condição de trabalho, fez com que a habitação do núcleo urbano da cidade fosse caracterizada por uma pequena quantidade de habitantes, embora a zona urbana tenha, posteriormente, se estabelecido através de aspectos que apresentaram condições de atração dos indivíduos para seu interior, como analisaremos adiante.

Nesse momento torna-se necessário discutirmos elementos presentes nos espaços rurais da cidade de Pio IX em torno da década de 1950, pois a presença de grande parte da população piononense voltada para a vida no campo gerou contribuições econômicas e sociais que proporcionaram certo desenvolvimento do espaço urbano do município, sobretudo, pela

realização de atividades de subsistência como as culturas do feijão, milho e batata, que eram os principais elementos produzidos pelo povo na época, segundo Arrais (2015).

Alencar (2007) permite-nos maior compreensão a cerca da importância das produções agrícolas para o município de Pio IX durante as décadas de 1940 e 1950, acrescentando informações sobre o plantio do algodão, outro elemento de valor para aquela sociedade, além das condições climáticas e do solo existentes na região.

Os solos do município de Pio IX apresentavam grande aptidão para o cultivo algodoeiro, associado aos índices pluviométricos, ainda compatíveis com a sua exploração naquela época. Todo proprietário de terra tinha como principal objetivo o plantio do algodão, o agricultor podia se dizer feliz com a chegada da safra algodoeira que se constituía na principal renda familiar da região. (ALENCAR, 2007, p. 62).

A habitação das áreas rurais e a ocupação de parte da população piononense nas atividades agrícolas tornaram o município de Pio IX extremamente agrário, como pudemos observar através dos dados demográficos do IBGE (1950), entretanto, essa condição social e econômica foi preponderante para o desenvolvimento urbano da cidade através do mercado, tendo em vista que as safras produzidas nas fazendas proporcionaram determinado poder de compra àqueles sujeitos, além das conseqüentes relações comerciais que se deram no que diz respeito à aquisição de produtos de utilidade doméstica e alimentícia que não existiam em Pio IX.

Alguns alimentos e muitos outros produtos de primeira necessidade, como o açúcar, o café, o sal de cozinha, o charque, o bacalhau, o alho, a pimenta do reino, o sabão-do-reino, o querosene, a soda cáustica, além de uma infinidade de coisas eram adquiridas no Estado do Ceará e transportadas em tropas de animais. Em contrapartida, esses tropeiros levavam para comercialização as peles bovinas, caprinas e ovinas e de animais silvestres, como as de teiú, gato do mato e outras. Além da borracha de maniçoba, hoje em extinção em Pio IX. A mamona e a oiticica, também desativadas no comércio da região, eram transportadas pelos tropeiros e bem comercializadas no Ceará. (ALENCAR, 2007, p. 59).

De acordo com essas condições comerciais os espaços urbanos sofreram então um processo de reorganização pela dimensão do mercado, tornando a sociedade mais complexa, passando a se solidificar enquanto local de habitação. “A cidade, enquanto local permanente de moradia e trabalho, se implanta quando a produção gera um excedente, uma quantidade de produtos para além das necessidades de consumo imediato” (ROLNIK, 2004, p. 16). Como podemos perceber em diálogo com a autora Raquel Rolnik, as relações de comércio entre os produtores e agricultores piononenses com indivíduos oriundos do vizinho Estado do Ceará possibilitaram além de suprir a carência de alguns elementos da alimentação daquelas pessoas

e objetos de necessidades diárias, provocou a inserção de novos sujeitos e produtos no território piononense o que possibilitou alterações na formação física e social da cidade.

Entende-se aqui por economia urbana uma organização da produção baseada na divisão de trabalho entre campo e cidade e entre diferentes cidades. Quando esta divisão do trabalho se estabelece, a cidade deixa de ser apenas a sede da classe dominante, onde o excedente do campo é somente consumido para se inserir no circuito da produção propriamente dita. Desta maneira, o trabalho de transformação da natureza é iniciado no campo e completado na cidade, passando o camponês a ser consumidor de produtos urbanos e estabelecendo-se então a troca entre cidade e campo. (ROLNIK, 2004, p. 27).

Portanto, entendemos as produções agrícolas desenvolvidas na cidade de Pio IX como fator essencial para o início de relações comerciais mais intensas, envolvendo outros sujeitos e regiões, tornando possível a existência de novas mercadorias no município, como abordamos. Essa situação provocou uma concentração dessas atividades num determinado espaço no centro urbano de Pio IX, como podemos observar abaixo.

Todo negócio acontecia naquele comércio ali no Centro da cidade, no mercado ali onde tem aquelas mercearias. Os produtos daqui eles mandavam vender em Senador Pompeu, uma cidade do Ceará, pra Iguatu e levavam pra Crato aí os comerciantes traziam, quem tinha loja comprava em Fortaleza, quem tinha mercearia comprava em Crato, mas vinha tudo na costa de burro. Vinha de fora pra cá, açúcar, café, macarrão, doce enlatado, balas, o pão, a farinha de cuscuz, vinha tudo do Crato. (ARRAIS, 2015).

Cabe então destacarmos que essas relações comerciais que se estabeleciam no município de Pio IX visavam atender às necessidades da população local, dessa forma, o estabelecimento do mercado como local definido para o comércio foi importante para facilitar e organizar as transações. Essa situação nos remete novamente à Raquel Rolnik, que estabelece compreensões de consequências práticas nos espaços da cidade através da solidificação do mercado.

É a partir de um certo momento da história que as cidades passam a se organizar em função do mercado, gerando um tipo de estrutura urbana que não só opera uma reorganização do seu espaço interno, mas também redefine todo o espaço circundante, atraindo para a cidade grandes populações. (ROLNIK, 2004, p. 30).

Portanto, como já abordamos anteriormente, a existência de pessoas com maior poder financeiro e de dominação perante outros grupos com menor influência na sociedade, enquanto resultado do desenvolvimento do comércio na cidade de Pio IX, permitiu o surgimento de aspectos físicos que externam uma diferenciação entre esses sujeitos, principalmente pela questão da moradia, que influenciou numa reorganização dos espaços urbanos do município. Segundo Arrais (2015) as pessoas de melhores condições financeiras

começaram a buscar melhorias para suas casas, tanto na estrutura arquitetônica, quanto nos objetos de uso interno, passando a se preocuparem com a mobília da casa. Em contrapartida, também existiam residências com condições de moradia menos favoráveis, como casas de taipa¹², de propriedade daqueles indivíduos com menor poder aquisitivo, presentes no espaço urbano de Pio IX.

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto hábitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto. (ROLNIK, 2004, p. 17).

Através das contribuições de Rolnik (2004) compreendemos a condição física do município de Pio IX enquanto reflexo das diferentes posições sociais dos vários sujeitos que compunham aqueles espaços, bem como das interações existentes entre eles.

Embora a formação urbana da cidade apresentasse constante crescimento, sobretudo, por fatores de atração da população para os espaços urbanos, como analisamos, considerando a Igreja Católica caracterizada como um ímã, além da influência do mercado, o município de Pio IX ainda desprovia de vários aspectos, considerando elementos dos ambientes urbanos. Esse cenário da cidade de Pio IX, entre as décadas de 1940/1950, pode ser entendido por meio do próprio Hino da cidade, que expõe suas condições estruturais e expressa aspectos de cunho social e religioso da sociedade.

O Hino Oficial de Pio IX foi escrito por José de Alencar Bezerra em 1º de janeiro de 1944, sendo oficializado pela Lei Municipal nº 567/2000, de 17 de abril de 2000, na administração de Geraldo Abrahão de Carvalho. (ALENCAR, 2000, p. 23).

HINO DE PIO IX

Pio IX, o grande, o bom, o denodado,
O intrépido defensor da Santa Igreja,
Foi o Papa por Deus predestinado
Pra viver a sua vida em peleja.

Coro:

Avante! Avante! De pé piononense
Nós precisamos para a luta despertar,
Que esta gleba da terra piauiense
Livre e feliz possa sempre se elevar.

Seja o nome do Pontífice glorioso
Seja o nome de nossa terra querida
Seja símbolo triunfante, vitorioso

¹² Segundo o “Dicionário Aurélio” esse termo se refere à parede feita de barro ou cal e areia e com uso de madeira.

Que nos leve no futuro à nova vida.

Os problemas da açudagem e da instrução,
Da saúde, da lavoura e dos transportes,
Precisamos com o auxílio da Nação
Resolvê-los para sermos, grandes fortes.

O Estado e o Município poderão
Para o êxito desta obra concorrer
Todos dêem sua cooperação
Porque assim haveremos de vencer.
(ALENCAR, 2000, p. 69).

Segundo o Dicionário Aurélio de língua portuguesa, os hinos em geral, se caracterizam como poemas e/ou cânticos de reverência a uma divindade, ou ainda uma música que acompanhada de um texto é capaz de exaltar o valor de algo ou alguém, direcionando assim para um sentimento de entusiasmo e admiração.

Entretanto, percebemos na letra do Hino de Pio IX um direcionamento oposto, tendo em vista que seu conteúdo externa, essencialmente, determinados problemas e dificuldades enfrentadas pelo município e pelo seu povo em diversos aspectos. Essa diferenciação pode ser interpretada como resultado da posição individual do autor, tendo em vista que José de Alencar Bezerra era um poeta e folclorista piononense, dessa forma, a letra do Hino de Pio IX, que foi intitulado por ele de “Problemas de Nossa Terra” não foi elaborada com esta finalidade, mas sendo um poema onde o mesmo expressou seu olhar para o município e parte da sua realidade social.

Analisando o Hino de Pio IX podemos enxergar em sua escrita uma orientação ligada à vida rural, onde uma questão natural, como a falta de água torna-se um obstáculo para as atividades de trabalho daquele povo. Contudo, os problemas referentes à lavoura e à açudagem, termos presentes na sua letra e direcionados a um contexto agrário, não são únicos. O olhar e a escrita de José de Alencar Bezerra sobre o cenário social e de desenvolvimento do município de Pio IX nos faz refletir sobre suas condições físicas e sobre o quanto a cidade ainda apresentava-se carente de melhoramentos urbanos. O escritor alerta para problemas existentes na vida da população presente nos espaços urbanos, ligados à instrução, à saúde e aos transportes, denotando que apesar do progresso populacional e econômico do qual apresentamos até então, Pio IX ainda tinha muito a avançar.

Além de apresentar os problemas e as necessidades enfrentadas pelo município, o autor vai além. Através do refrão do Hino, José de Alencar Bezerra instiga a população a lutar pela alteração das condições que se apresentavam desfavoráveis, no momento em que o autor incita “Avante! Avante! De pé piononense. Nós precisamos para a luta despertar, que esta

gleba da terra piauiense, livre e feliz possa sempre se elevar”. Para ele, o esforço da população seria essencial para a busca de melhores condições para a cidade, tendo em vista que o mesmo externa sua visão sobre os piononenses enquanto sujeitos destemidos e corajosos, capazes de buscar o rompimento das barreiras que se faziam presentes naquele momento e que impediam uma melhor qualidade de vida naquela sociedade, além do crescimento e fortalecimento do município. Esse contexto nos remete à urbanista Raquel Rolnik que entende a cidade como espaço de prática e resultado das relações sociais. “Ao pensar a cidade como ímã, ou como escrita, não paramos de lembrar que construir e morar em cidades implica necessariamente viver de forma coletiva” (ROLNIK, 2004, p. 19).

A prevalência de uma cultura religiosa católica que se formou historicamente na cidade de Pio IX, como já abordamos, também pode ser enxergada nos versos que compõe o Hino, onde o autor estabelece uma proximidade do piononense com os valores católicos, tomando a religião como ímpeto para um desenvolvimento local, enquanto fonte de força e direcionamento divino sobre o povo, fazendo-nos compreender estes como elementos de influência e regulamento do comportamento social dos indivíduos através da crença religiosa.

Através do Hino de Pio IX se tornou possível compreendermos alguns aspectos do referido município sob o ponto de vista do autor da letra, contudo, cabe aprofundarmos os entendimentos do cenário físico e social pelo qual passava a cidade de Pio IX, caracterizadamente precários.

De acordo o Censo Demográfico do IBGE (1950) o município de Pio IX ainda não dispunha sequer de abastecimento de água encanada e fornecimento de iluminação elétrica em nenhuma residência do espaço urbano, suburbano e rural. A população também ainda convivia com a ausência de atendimento médico na cidade, conforme aborda Alencar (2007).

Sem assistência médica e dentária, a saúde ficava mesmo à mercê dos donos de farmácias que, na realidade, não dispunham ainda de medicamentos mais específicos e limitavam-se aos xaropes, complexos vitamínicos e algumas emulsões. Os chás e os melados de casca de pau era mesmo o forte da época. As crianças quando apresentavam alguns sintomas de enfermidade, sobretudo com comprometimento do aparelho respiratório que viessem a comprometer o estado hígido de saúde, as mães davam-lhes o leite de jumenta, tido como medicinal. Da mesma forma davam água de chocalho às crianças que demoravam a desenvolver a fala. As cachimbeiras, com seus tradicionais ramos-de-folhas estavam sempre rezando para tirar o “quebrante” a essas inocentes e indefesas criancinhas, fato que ainda hoje continua a acontecer na região. Inclusive com mães de classe média e até mesmo as consideradas de elite. Nos demais casos como, por exemplo, acidente de quedas, cortes e tudo aquilo que viesse a ocasionar sangramento, essas hemorragias eram contidas com pó-de-café e fuligem de algodão queimado, que constituíam excelentes hemostáticos. Nas inflamações cutâneas (perebas), que eram pequenos e frequentes ferimentos inflamados,

usava-se o leite de pião, casca de faveleira, banhos com água quente e com cascas de aroeira, jurema, ameixa brava e outras mais. (ALENCAR, 2007, p. 50).

Através das contribuições de Alencar (2007) podemos compreender a deficiência estrutural desta urbe, tendo em vista a falta de hospitais ou mesmo de qualquer tipo de atendimento médico na cidade entre as décadas de 1940/1950, representando o atraso social do município e um enfraquecimento da qualidade e das condições de vida da população.

De acordo com o que foi exposto, os donos de farmácias apresentavam-se então como os únicos sujeitos com o conhecimento do *saber médico* sobre uso de medicamentos, embora os remédios existentes nesses estabelecimentos ainda fossem bastante simples, direcionados para intervenção a pequenos problemas de saúde.

Portanto, de acordo com esse contexto, ganha destaque as práticas de automedicação realizadas pela população, geralmente baseadas em conhecimentos populares sobre uso de determinados elementos naturais para solucionar alguma enfermidade, constituindo assim uma forma de adequação popular às condições da época.

Sobre essas práticas de automedicação nos reportamos ao trabalho do professor Raimundo Nonato Lima dos Santos (2007) que trabalha aspectos da memória e identidade na cidade de Timon, Estado do Maranhão, na década de 1980. Ao realizar uma abordagem da saúde pública da referida cidade ainda na década de 1950 até os anos 1980, ele constata a ausência de hospitais e atendimentos médicos permanentes naquela sociedade, comprometendo assim à população existente.

[...] essa precariedade dos serviços públicos de saúde permitia que se perpetuasse uma prática comum à maioria dos habitantes das cidades do interior do Brasil, principalmente os da zona rural: a auto-medicação com base no conhecimento popular sobre o uso de plantas medicinais e no curandeirismo, ou seja, a busca da cura através de uma medicina vulgar, na qual pessoas sem estudos científicos realizam tratamentos de saúde por meio de rezas e feitiçarias. (SANTOS, 2007, p. 53).

Interpretamos assim as práticas de automedicação ligadas a um contexto de carência estrutural das cidades, influenciadas pela inexistência de locais destinados para atendimento médico, como posto de saúde, hospitais e do próprio oferecimento de uma assistência médica pelo poder público.

Além dos conhecimentos populares sobre uso de determinadas plantas, cabe destacar o aspecto religioso refletido nas crenças e ritos que se disseminaram, onde algumas rezas também seriam capazes de possibilitar a cura para algumas doenças, dessa forma, mostrando-se como alternativa para a solução de pequenas enfermidades.

Existiam muitos tipos de rezas, dependendo do caso. Dentre elas, uma muito comum, em caso de pancadas, luxações e dores localizadas em geral, era feita com um novelo de linha e uma agulha. O processo era o seguinte: o rezador(a) colocava o novelo sobre a parte dolorida. Ele mesmo se perguntava: “o que cozo?” E respondia: “carne quebrada, nervo torto, osso fendido e triadura”. Repetia várias vezes enquanto metia a agulha no novelo, simulando uma costura de verdade. Após concluído o ritual, o novelo era recolhido até o paciente apresentar as devidas melhoras. Como se percebe, a fé era, realmente, o maior fator de cura desses bondosos pacientes, como certeza muito bem abençoados por Deus. (ALENCAR, 2007, p. 50).

Dessa forma, as práticas de automedicação ocorreram intensamente na sociedade piononense, que só passou a ter assistência médica apenas na década de 1970, sobretudo com a atuação do Dr. José Antão de Alencar Neto, natural e residente em Pio IX. (ALENCAR, 2007, p. 82).

Na cidade, somente iniciou-se seus serviços médicos, a partir de 1971, na gestão do Prefeito Fausto Maia Arrais, quando passou a funcionar uma pequena casa de saúde (Unidade Mista de Saúde). A partir de então, com a participação de alguns médicos que prestaram seus serviços. (ALENCAR, 2007, p. 82).

Mediante todas as discussões estabelecidas sobre o cenário urbano e as consequentes condições e relações sociais existentes em Pio IX, buscamos então uma nova compreensão da cidade, sendo enxergada sob uma perspectiva política, com a finalidade de uma ordem social, perante a multiplicidade de sujeitos presentes e a necessidade de organização da sociedade. Nesse ponto, dialogamos com Rolnik, que argumenta sobre a dimensão política da cidade, onde afirma que “[...] desde sua origem cidade significa, ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política” (ROLNIK, 2004, p. 21).

Entender a cidade como resultado de ações individuais e coletivas de vários sujeitos e grupos ao longo do tempo, no uso e ocupação destes, nos espaços, nos leva a compreender a característica política atribuída por Rolnik à cidade, sendo esse elemento capaz de uma estruturação social e material dos espaços urbanos. Portanto, “da necessidade de organização da vida pública na cidade, emerge um poder urbano, autoridade político-administrativa encarregada de sua gestão” (ROLNIK, 2004, p. 20).

Num momento em que a cidade de Pio IX apresentava mínimas condições estruturais, surge então o aspecto político enquanto forma de autoridade administrativa, apresentando-se como condição ao estabelecimento de uma organização social para o município, como defende Rolnik.

Alencar (2000) apresenta o momento em que o município de Pio IX passou por algumas obras públicas, mediante atuação política em prol do atendimento dos anseios da

população. “O desenvolvimento de Pio IX teve grande impulso no ano de 1948, com a administração do operoso Prefeito Municipal José Ferreira de Alencar Mota (Zuca Berto).” (ALENCAR, 2000, p. 22-23).

De acordo com Alencar (2000) o referido prefeito teve quatro mandatos no comando do município, de 1948 a 1951; de 1955 a 1959; de 1963 a 1967 e de 1973 a 1977. Analisaremos, porém, aspectos dos anos referentes aos dois primeiros mandatos, de acordo com o recorte temporal da nossa pesquisa, a década de 1950.

Utilizamos da contribuição da depoente Teresinha Felicidade da Silva¹³ para analisar a posição política e social do prefeito no município de Pio IX, bem como sua interação com o povo na busca por melhorias para a cidade, passando pela alteração dos espaços urbanos.

Aí o povo começou a querer dar vida ao lugar, eles conversavam, se questionavam, como seu Zuca Berto, ele, assim, conversou muito com o pessoal do interior pra desenvolver a cidade, como desenvolvia a cidade, aí o jeito era pelos interesse das autoridades, se as autoridade tivesse coragem de desenvolver aí era levantando casa, levantando prédio, começando a educação, aí começou assim a desenvolver, foi o pessoal do interior. Seu Zuca foi prefeito aqui um bucado de ano, foi quem desenvolveu Pio IX e ele dava muita importância a juventude, ele sentava nas calçadas e aí ficava cheio de menino conversando, aí ele perguntava o que era que os menino queria, aí eles ia respondendo: eu queria escola, queria que tivesse transporte pra nós não andar de pés. (SILVA, 2015).

Podemos compreender uma reciprocidade do prefeito José Ferreira de Alencar Mota para com a população, que por meio do diálogo expressava a ele os seus anseios. Dessa maneira, o desejo dos piononenses por determinados melhoramentos para a cidade norteou a prática desenvolvimentista do gestor municipal.

Através de Alencar (2000) podemos enxergar os primeiros passos da atuação política do então prefeito de Pio IX, diversificando suas ações para englobar as várias carências do município.

De início, preocupou-se com a organização da zona urbana, demolindo prédios para prolongamento de ruas, pavimentando as principais ruas com alinhamento e nivelamento de calçadas e continuou com incansável trabalho desenvolvimentista durante seus quatro mandatos de Prefeito Municipal, realizando muitas obras importantes nas zonas urbana e rural que, ainda hoje, beneficiam muito a população. (ALENCAR, 2000, p 23).

Até então, o contexto social e urbano da cidade de Pio IX entre as década de 1940 e 1950 mostrava-se bastante simples e ausente de obras públicas que permitissem maior

¹³ É piononense, nascida em 30/07/1930 e está inserida no contexto da pesquisa por sua vivência no município de Pio IX durante o período de recorte temporal, ou seja, a década de 1950. Residiu no espaço rural e urbano, tendo participação destacada na Igreja Católica, tanto pela presença cotidiana, quanto pela organização e liderança exercida durante as atividades religiosas.

complexidade e qualidade de vida à população. Esse cenário passou a sofrer alterações mais intensas a partir da atuação política do referido prefeito municipal, que provocou modificações nos espaços urbanos do município. Essa situação é evidenciada através do relato da depoente Graziela Maia Arrais em relação ao desenvolvimento de Pio IX: “Não tinha nada, nem água encanada, nem energia. Começou a ter depois da década de 1948, que Seu Zuca começou a fazer estrada de rodagem, começou a calçar a cidade e começou também o prédio da Prefeitura, fez muita coisa, evoluiu mais o lugar.” (ARRAIS, 2015).



Imagem 2: Espaço em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora do Patrocínio, no Centro de Pio IX-PI, na década de 1950.

Fonte: Arquivo pessoal de Nivardo Saldanha de Alencar.

Através da imagem acima, podemos analisar a representação para a população da obra do primeiro calçamento realizado nas principais ruas da cidade, causando contentamento e animação em meio ao cotidiano da cidade, pois este era um desejo ativo dos moradores. Dessa forma, compreendemos os espaços urbanos como local de ocupação e propagação das relações sociais entre os indivíduos, possibilitando sua alteração.

Cidades são, por excelência, um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significados ao mundo. Cidades pressupõem a construção de um *ethos*, o que implica a atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar de *urbano*. (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Portanto, além do contexto físico da cidade, devemos proporcionar um enfoque aos sujeitos presentes na imagem, destacando-se, sobretudo, as vestimentas usadas por eles numa prática rotineira de saída pela cidade. Sobre esse aspecto, a depoente afirma que durante a década de 1950 em Pio IX “O povo daqui luxava muito, era tudo bem trajados, os homens usavam terno e gravata e as mulheres vestidos longos e bonitos” (ARRAIS, 2015).

Cabe, então, direcionarmos nesse momento nossa análise para questões sociais, refletidas nas roupas utilizadas naquele período pelos sujeitos que ocupavam os espaços urbanos do município. Alencar (2007) acrescenta informações sobre a origem das vestes que existiam em Pio IX na década de 1950.

As roupas eram confeccionadas por costureiras da cidade e do interior, mediante medidas prévias, ou tendo outra para servir de molde. Os panos, ou peças para roupas, eram encontrados nas lojas de tecidos das cidades e através de vendedores ambulantes, os quais levavam a mercadoria, até às propriedades, ou àqueles locais onde haviam maior concentração de pessoas. Esses tecidos, com relação às roupas do sexo feminino não eram muito diversificados. Limitavam-se apenas as chitas de algodão, crepes, sedas, popelinas, cambraia de linho e, provavelmente, mais alguns tipos que não me recordo. Quanto aos tecidos para o sexo masculino, os mais comuns compunham-se dos brins, caques, mesclas, linhos de algodão, e o vira-linho, além de outros que também não me recordo. (ALENCAR, 2007, p. 85).

Especificamente em relação aos homens, pudemos analisar que usavam os ternos de forma habitual, de acordo com o que indicou o depoimento de Graziela Maia Arrais (2015) e mostra-se visível pela imagem. Tendo em vista os tecidos existentes em Pio IX naquela época, as peças de vestuário eram confeccionadas em conformidade com o desejo específico de cada pessoa, considerando-se que também não existiam roupas prontas para comercialização. Alencar (2007) enfatiza que existiam os alfaiates do sexo masculino que confeccionavam para pessoas desse gênero, onde “Todo cidadão de bem tinha que ter seu terno, com vistas àqueles eventos de maior importância da cidade, inclusive alguns deles usavam costumeiramente, independente de festas ou eventos” (ALENCAR, 2007, p. 86).

Voltando nosso olhar para questões físicas da cidade, Alencar (2007) também permite contribuições importantes sobre outro elemento de desenvolvimento da cidade de Pio IX, destacando sobre a iluminação do município, constituindo outra ação pública realizada pelo prefeito José Ferreira de Alencar Mota.

Em Pio IX, desde os primórdios da sua fundação, até pelo menos 1949, a iluminação da Cidade constituía-se do lampião movido a querosene, tanto na cidade como no interior, a partir de quando foi instalado o primeiro motor movido a óleo diesel, em 1950, que funcionou até quando passou a operar a Hidrelétrica de Paulo Afonso, em 1971. (ALENCAR, 2007, p. 91).

A atuação pública do referido prefeito também se deu com vistas ao melhoramento das condições para a população que habitava a zona rural, sobretudo, com as construções de estradas carroçáveis vinculando Pio IX a várias localidades rurais. A atenção do prefeito para esse tipo de obras apresentava-se bastante significativa, levando em conta a necessidade de

comunicação e principalmente, comercialização de produtos agrícolas entre as diferentes comunidades do município.

Portanto, de maneira geral, compreendemos o desenvolvimento urbano, econômico e social da cidade de Pio IX e da sua população mediante as discussões estabelecidas por meio de uma análise histórica do município, onde todo esse contexto foi entendido através das relações de proximidade com a Igreja Católica, a partir da sua existência no povoado que originou Pio IX, e todos os fatores consequentes da presença dessa instituição religiosa, por assim dizer, os valores, crenças, costumes, práticas religiosas e normas de conduta que foram inseridas naquela sociedade e possibilitaram determinados direcionamentos para o avanço estrutural do município e da cultura do seu povo, pautados pela religiosidade católica do piononense.

Durante a década de 1950, enfatizamos um progresso urbano pelo qual passou o município de Pio IX de acordo com uma atuação política, muito embora os melhoramentos que ocorreram não foram capazes de suprir todas as carências daquele povo. Contudo, analisamos o estabelecimento de algumas alterações dos espaços urbanos sob uma perspectiva social, ou seja, capaz de provocar mudanças nas formas de vida das pessoas.

Buscaremos, a partir de então, compreender como ocorriam as relações sociais dos piononenses mediante as estruturas físicas que Pio IX apresentava, no que diz respeito a existência de vários espaços urbanos de convívio e interações entre diferentes sujeitos. O aspecto religioso também será enfatizado no próximo capítulo, onde abordaremos a realização da Festa da Padroeira de Nossa Senhora do Patrocínio como fator de integração de grande parte da sociedade, mobilizando os indivíduos para uma alteração na sua vida cotidiana em prol da participação nas práticas religiosas.

CAPÍTULO 2

O VIVER URBANO-RELIGIOSO NA CIDADE DE PIO IX-PI, (DÉCADAS DE 1940 E 1950)

Neste capítulo analisaremos de maneira mais detalhada o cenário social da cidade de Pio IX, as formas de interação social praticadas mediante a estrutura física existente no município na década de 1950, inclusive, discutindo aspectos do surgimento de outros espaços ainda não abordados e a influência da Igreja Católica em meio ao cotidiano da população local, que se mostrava bastante ligada às atividades religiosas que ocorriam no município, o que possibilitou à consolidação de valores e crenças na cultura do piononense.

Esse contexto provocou de forma bastante intensa, uma alteração do cotidiano dessa sociedade, sobretudo, pela inserção de padrões de conduta e uma busca do povo em manter-se alinhado às práticas propostas e desenvolvidas pela Igreja Católica.

2.1 Aspectos da vida social do piononense

Analisamos determinados aspectos das relações sociais existentes no município de Pio IX durante a década de 1950, onde apresentamos diferentes formas de interação social e ocupação dos espaços no interior da sociedade, a qual, como aborda Corrêa (2000) mostra-se como condicionante social.

Através de aspectos de caráter econômico e político, percebemos diferentes posições e atuações no cenário urbano em Pio IX, onde podemos enxergar facilmente sua fragmentação na simples questão da moradia. O espaço central do município de Pio IX era plenamente ocupado pela elite local, marcada por comerciantes, proprietários de terras, todos pertencentes a famílias tradicionais e que ascenderam socialmente, estabelecendo uma diferenciação na forma de vida em relação ao restante da população. Em contrapartida, podemos compreender outra classe ou grupo, com condições econômicas e sociais inferiores, marcados pela subordinação aos primeiros indivíduos dos quais tratamos. Segundo o depoimento de Maria Núbia Bezerra de Alencar Simões¹⁴ (2015) “os pobres que morava aqui na cidade era lavadeira, faxineira, assim, essas pessoas que ajudava nas casas”. A própria questão de trabalho já remete à posição de inferioridade social em detrimento da relação patrão e empregado.

¹⁴ Maria Núbia Bezerra de Alencar Simões é piononense, nasceu no ano de 1934. Trabalhou como professora no Grupo Escolar Padre Ibiapina em Pio IX, durante a década de 1950. Nesse mesmo período, atuou de forma ativa na organização de atividades religiosas da Igreja Católica, tendo assim, papel importante na sociedade da época. *Depoimento concedido a Erik de Alencar Antão de Carvalho*. Pio IX 2015.

Os espaços urbanos do município não possuíam, portanto, uma homogeneidade, pois, enquanto o Centro da cidade abrigava as melhores residências, “[...] no subúrbio, só tinha umas casinhas baixas, casinhas de taipa, até roça. Tinha um senhor que possuía uma vacaria, ficava pra lá. Mas lá era só mata”, segundo a depoente Graziela Maia Arrais (2015). Através da afirmativa da depoente podemos então compreender a fragmentação dos espaços da cidade, onde cada grupo social, de acordo com sua posição e influência na sociedade estabelecia uma ocupação, sendo privilegiada ou não.

Dois pontos devem ser agora indicados. Primeiramente por ser reflexo social e fragmentado, o espaço urbano, especialmente o da cidade capitalista, é profundamente desigual: a desigualdade constitui-se em característica própria do espaço urbano capitalista. Em segundo lugar, por ser reflexo social e porque a sociedade tem a sua dinâmica, o espaço urbano é também mutável, dispondo de uma mutabilidade que é complexa, com ritmos e natureza diferenciados. (CORRÊA, 2000, p. 08).

Portanto, através de um contexto urbano e social de divisão dos espaços e da destinação destes para determinados sujeitos e grupos, cabe salientar, como já destacamos ao longo do primeiro capítulo que a cidade de Pio IX iniciou, sobretudo durante a década de 1950, um processo de modificação e melhoramento das áreas urbanas do município. Porém, como acabamos de estabelecer, esse espaço urbano não era homogêneo, muito menos abrigava grupos sociais com essa característica.

As principais obras que ocorreram no município, no que diz respeito a um caráter de estruturação básica, como calçamento e iluminação, que foram realizados sobre uma atuação política e ligados à figura do prefeito José Ferreira de Alencar Mota, externam o condicionamento destas ações públicas sobre determinados locais e sujeitos da sociedade, caracterizando fortemente uma condição de discriminação. “[...] A segregação é patente na visibilidade da desigualdade de tratamento por parte das administrações locais.” (CORRÊA, 2000, p. 42)

[...] a cidade é, sobretudo, uma *materialidade* erigida pelo homem, é uma ação humana sobre a natureza. A cidade é, nesse sentido, um *outro* da natureza: é algo criado pelo homem, como uma sua obra ou artefato. Aliás, é pela materialidade das formas urbanas que encontramos sua representação icônica preferencial, seja pela verticalidade das edificações, seja pelo perfil ou silhueta do espaço construído [...] (PESAVENTO, 2007, p. 13).

Essa materialidade do *viver urbano* – condicionada às ações humanas – discutidas por Corrêa e Pesavento, também encontra eco nos estudos da urbanista Raquel Rolnik, que apresenta a cidade enquanto lugar passível de mudanças físicas, embora estejam reguladas por interesses de um grupo dominante na sociedade, amparados pelo Estado, que possui

condições de estabelecer melhorias para determinados espaços, beneficiando alguns sujeitos em detrimento de outros.

As novas avenidas abertas na cidade se transformam no espaço por onde circula a classe dominante, geralmente contendo suas áreas de habitação ou centros de lazer. Nestes espaços o Estado investe em infra-estrutura com o que há de melhor, na época, em matéria de limpeza, iluminação, pavimentação. (ROLNIK, 2004, p. 61).

A partir de agora abordaremos sobre os espaços e características de vida social do piononense, constituindo assim um cotidiano urbano na cidade de Pio IX. Nossa análise será direcionada às perspectivas dos moradores da época, por meio de seus relatos.

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social que os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo *viver urbano* e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia. (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Através do diálogo com Pesavento (2007) percebemos que as práticas de sociabilidade são resultantes das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos que estão inseridos nos ambientes da cidade, dessa forma, as características de uma vida urbana não estão condicionadas apenas à infraestrutura física presente na urbe, mas também às formas de interação social realizadas nesses espaços urbanos, de acordo com as características próprias dos habitantes, mediante seus valores, crenças, costumes, desejos e anseios.

As práticas sociais desenvolvidas de forma coletiva pelos indivíduos que constituem o espaço interno da cidade passam a ser compreendidas através da representação dessas atividades cotidianas por parte dos sujeitos que a compõe.

E, para além da palavra escrita, há aquela da oralidade, que implica outra forma de dizer a cidade, através do som e das palavras ditas. Entram em cena, assim, os recursos de uma história oral, recuperando depoimentos e relatos de memória, que retraçam uma experiência do vivido e do possível de ser recuperado pela reminiscência, transmitido no presente para aqueles que não estiveram na cidade do passado. Fala-se e conta-se, então, dos mortos, dos lugares que não mais existem, de sociabilidades e ritos já desaparecidos, de formas de falar desusadas, de valores desatualizados. Traz-se ao momento do agora, de certa forma, o testemunho de sobreviventes de um outro tempo, de habitantes de uma cidade que não mais existe. (PESAVENTO, 2007, p. 20).

Analizamos através de depoimentos de pessoas que viveram na cidade de Pio IX durante a década de 1950 manifestações da vida urbana no município no referido período, tendo em vista as particularidades da época. Assim, as visitas domiciliares constituíam-se,

num primeiro momento como as principais práticas de sociabilidade realizadas na sociedade piononense, sobretudo, pela predominância da ocupação da cidade por membros de uma mesma família, conforme apresenta a depoente Maria Núbia Bezerra de Alencar Simões (2015), “Agora a gente também se visitava muito, andava nas casas né, aqui todo mundo era parente e a gente se comunicava muito. Naquela época tanto a gente era visitado como também sabia visitar”.

O espaço doméstico ganhou um contorno de grande importância em Pio IX na década de 1950, onde além das rotineiras visitas entre amigos e parentes que visavam manter uma aproximação por laços de afetividade, a ocupação das residências também se deu através da realização de festas nos seus espaços internos e externos, como uma adaptação daqueles sujeitos à ausência de ambientes mais apropriados para tal prática.

Algumas pessoas tinham banda de música né, então levava aquela banda de música, tocava numa casa, aí havia um baile, não tinha clube. Aí acontecia que um senhor convidava as moças, os casais, aí dançavam a noite toda. Havia serenatas, bailes, saraus, tinha muita diferença, era até melhor do que agora, porque agora vem essas bandas de fora e é aquele movimento todo né e nem todo mundo vai à festa. (ARRAIS, 2015).

Além de falar das festas em residências, a depoente Graziela Maia Arrais acrescenta informações a cerca da forma de organização destes eventos privados que ocorriam em Pio IX, externando sua memória sobre os sujeitos que participavam desses encontros e o sentido de valorização àquelas práticas.

Eram bem organizados, por exemplo, o dono da casa, Seu Honório Viana, gostava muito, ele era músico e gostava muito de dar baile na casa dele. Ali ninguém pagava ingresso nem nada, era tudo grátis. As crianças não iam, era só adulto, as crianças ficava em casa. Acontecia à noite, dançavam de 07 às 10hs da noite aí cada um ia pra sua casa. Quando era noite de lua aí o pessoal sentava na calçada pra conversar, aí noite de lua dava muita serenata no patamar da Igreja. No patamar da Igreja era serenata e nas casas era os bailes, aí tocavam forró, valsa, tango. (ARRAIS, 2015).

Observamos, portanto, uma forte interação social entre os indivíduos presentes na sociedade daquele período, onde as práticas de sociabilidade ocorriam em espaços variados. A entrevistada acrescenta que onde posteriormente foi construída a Praça “Deputado Alencar Mota”, durante a década de 1950 era apenas um espaço vazio, onde frequentemente ocorriam reuniões, onde alguns rapazes durante a noite faziam serenata. Esta área, que fica atrás da Igreja, era naquele momento um dos principais pontos de encontro para divertimento da população (ARRAIS, 2015).

Como podemos perceber a sociedade piononense apresentava-se bastante intensa no que diz respeito às formas de vivência dos indivíduos naqueles espaços urbanos, apesar da

ausência de áreas de lazer oficiais, conforme apresentamos. Portanto, perante essa condição da cidade, os recintos de moradia, a rua e o próprio espaço de trabalho constituíram-se como local de encontro de amigos, tornando-se um ambiente de relações pessoais entre diferentes sujeitos. Sobre essa ressignificação dos espaços urbanos da cidade de Pio IX a depoente Maria Núbia Bezerra de Alencar Simões lembra que

O mercado central ali que era onde funcionava os comércios que tinha aqui, era pequeno os comércios daqui, era só de cereais, só buodega. Eles abriam todo dia, não sei nem se vendia muita coisa, mais todo dia era aberto. Era outro lugar que tinha uma reunião boa do povo, por que juntava as pessoas né, tinha os donos das budegas ali tudo pertinho, aí chegava mais alguém por ali e aí eles conversavam né, falando sobre as vidas uns dos outros, sobre inverno. (SIMÕES, 2015).

Através do diálogo com Roberto Lobato Corrêa somos levados a pensar a formação de um caráter simbólico em relação aos espaços urbanos da cidade, onde as casas e o mercado, enquanto áreas residenciais e comerciais, respectivamente, passam a se constituir ambientes de relações entre os sujeitos sociais. Porém, a diversidade desses grupos determina a maneira prática das interações e ocupação dos locais e essa condição faz com que a representação dos indivíduos sobre os espaços urbanos não seja atribuída, sentida e praticada de forma homogênea (CORRÊA, 2000, p. 09).

“Mas o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável” (CORRÊA, 2000, p. 07). Entendemos, portanto, que a estrutura urbana da cidade de Pio IX durante a década de 1950 determinou para que prevalecessem no interior daquela sociedade relações de aproximação social entre sujeitos de um mesmo grupo familiar, por meio das visitas e festas realizadas nas residências das pessoas, além da ocupação da área comercial, que agregava indivíduos em torno das mercearias em rodas de conversa.

Portanto, compreendemos as interações dos indivíduos existentes no bojo da sociedade piononense como resultado das características de vida pessoal e plural daqueles sujeitos, que desenvolveram uma vida cotidiana pautada no convívio coletivo entre pessoas de um mesmo grupo circundante.

Outro elemento que se mostra fortemente inserido na cultura e no cotidiano da sociedade piononense na década de 1950 diz respeito à Igreja Católica e conseqüentemente, todos os tipos de práticas religiosas que se estabeleciam na cidade de Pio IX. Cabe destacarmos inicialmente que a religião Católica no município de Pio IX representava 10.636 pessoas de um total de 10.643 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE

(1950). Esses números permitem nos situarmos a cerca da importância e da prática da religião neste município no referido período de recorte temporal da nossa pesquisa.

Evidenciamos, entretanto, a ausência de uma organização e atuação própria da Igreja, enquanto instituição religiosa. Isto é, a comunidade católica de Pio IX manteve-se sem atendimento espiritual por um longo período. De acordo com o depoimento da entrevistada Graziela Maia Arrais, podemos entender o sentimento manifestado sobre a ausência de um pároco para atuar naquele espaço. “Todo mundo queria que aqui tivesse um Padre, mas eram poucos, a Diocese pertencia a Jaicós. Só tinha um Bispo no Piauí era Dom Severino, aí depois foi criada a Diocese de Oeiras, depois a Diocese de Floriano, depois a de Picos” (ARRAIS, 2015).

Através da contribuição de Graziela Maia Arrais, natural e residente em Pio IX durante a década de 1950, podemos compreender que a população piononense ficou sem assistência de um padre nesta paróquia tendo em vista a pouca quantidade de sacerdotes aptos a atuarem em meio a grande demanda de comunidades pertencentes à Diocese.

Dessa maneira, os padres que chegavam a Pio IX em caráter temporário para celebrarem alguns dos principais sacramentos, como casamentos e batizados. Além de realizar as celebrações, enfrentavam grandes problemas de acesso ao município, tendo em vista as condições estruturais da época, onde, de acordo com a entrevistada Teresinha Felicidade da Silva (2015) “padre vinha era muntado em animal, num tinha transporte, aí eles vinha, chegava em Campos Sales ou Fronteiras aí as famílias que se interessava uma missa então ia buscar ele. Mas as dificuldade era assim”.

De acordo com o exposto pela entrevistada a presença de um padre na cidade de Pio IX representava uma novidade para a população e tornava-se motivo de alegria para aquele povo, que se sentia chamado a participar dessa atividade católica. A celebração religiosa também se constituía naquele momento como uma atividade de atração de grande parte da população para a Igreja Católica, sobretudo, os habitantes da zona rural do município, onde a realização da missa era enxergada pelos sujeitos naquele período como momento e ambiente festivo, propulsor de sociabilidades. Teresinha Felicidade da Silva relatou ainda que

Só tinha de festa aqui, de movimento pra reunir o povo, só a Igreja, só os padres quando ainda vinha de três em três meses, aí era que os pobre se reunia aí vinha se alegrar, falar com o povo. Mas era sofrido, andava era de pés, tinha gente que andava era duas légua, três, pra vim pra missa. (SILVA 2015).

Ao enxergarmos a dimensão da Igreja Católica e de práticas religiosas na sociedade piononense na década de 1950 como fator de interação de diferentes sujeitos e grupos que

compartilhavam de um mesmo espaço sagrado, devemos estabelecer um diálogo com o geógrafo Roberto Lobato Corrêa que concebe a cidade como sendo,

Fragmentada, articulada, reflexo e condicionante social, a cidade é também o lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem. Isto envolve o cotidiano e o futuro próximo, bem como as crenças, valores e mitos criados no bojo da sociedade de classes e, em parte, projetados nas formas espaciais: monumentos, lugares sagrados, uma rua especial, etc. (CORRÊA, 2000, p. 9).

Embora a cidade de Pio IX não possuísse um padre de maneira definitiva, as atividades religiosas católicas se mantinham em constante prática durante todo o ano. Essa religiosidade católica fazia parte da vida cotidiana da população, onde o povo buscava manter viva uma fé que foi construída e inserida na cultura local como fruto de um processo histórico, tendo em vista as raízes católicas presentes nos primeiros núcleos de habitação dos espaços que dizem respeito ao referido município. Sobre essas práticas religiosas católicas organizadas pelos próprios piononenses, a depoente Maria Núbia Bezerra de Alencar Simões relata que,

A gente tinha um terço no domingo, nove horas da manhã aí todo mundo se reunia pra rezar o terço na Igreja. Às seis horas da tarde era mais orações, celebrações, como se chama hoje na Igreja. Não faltava não por que era uma iniciativa do povo mesmo. E aí no decorrer da semana tinha o terço rezado por Teresa Ferro e depois se cantava a ladainha. (SIMÕES 2015).

Analisando o depoimento acima, vemos que a Igreja era o lugar onde as pessoas se encontravam para rezar, onde, apesar de não existir um padre para atender à comunidade católica de Pio IX, sua população estabeleceu por organização própria condições de ligação com um poder divino, onde as pessoas realizavam principalmente a reza do terço. Porém, eram praticados outros tipos de rituais religiosos, como a Via Sacra, durante a Semana Santa.

Para entender essa religiosidade católica no município de Pio IX estabelecemos um diálogo com o mitólogo Mircea Eliade (2010), que trabalha sobre aspectos da existência de uma vida sagrada e principalmente pela condição do homem nas sociedades carregadas de valores religiosos. Percebemos semelhanças no interior da sociedade piononense, ao observarmos essa predominância de uma cultura estritamente associada com os preceitos católicos, onde a população mantém ativamente uma relação de proximidade com a Igreja e com a realização de práticas religiosas, que segundo o relato oral de Arrais (2015), “era uma forma de manter viva a fé do povo, a Igreja ficava cheia na Via Sacra, a Igreja ficava cheia de gente”. Portanto, em relação ao uso da Igreja enquanto templo sagrado, Mircea Eliade afirma que

É fácil compreender por que a igreja participa de um espaço totalmente diferente daquele das aglomerações humanas que a rodeiam. No interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido [...] Lá, no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses; conseqüentemente, deve existir uma “porta” para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu. Assim, acontece em numerosas religiões: o templo constitui, por assim dizer, uma “abertura” para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses. (ELIADE, 2010, p. 29-30).

Dirigimos nossas atenções para práticas religiosas existentes no cenário urbano de Pio IX, constituindo-se elemento da cultura e do cotidiano daqueles sujeitos. Porém, nos ambientes rurais também existiam fortes ligações do piononense com o catolicismo, onde pela ausência de templos religiosos, as manifestações de fé ocorriam no interior das suas casas. Segundo o relato oral de Arrais (2015) “toda noite o dono da casa e a dona da casa se reunia com a família e rezava o terço. Durante todo o ano as pessoas no interior tinha esse costume de juntar a família e rezar o terço”.

Apesar de tratarmos das manifestações religiosas nos espaços urbanos, que influenciavam os costumes cotidianos do povo, apresenta-se como de fundamental importância compreender esse cenário estabelecido nos ambientes rurais, pois como será abordado posteriormente, esses sujeitos tiveram participação na vida religiosa desenvolvida no núcleo urbano de Pio IX, no momento em que a Igreja solidificou sua posição na cidade por meio da intensificação de práticas religiosas.

De acordo com o Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio podemos perceber a nomeação do Padre David Ângelo Leal como Vigário Cooperador de Pio IX no ano de 1947. Essa definição provoca alterações na sociedade piononense, onde teve atuação destacada no município, não se limitando às obrigações sacerdotais, mais atuando na esfera social, onde passou a estabelecer valores e padrões de conduta normatizados pela Igreja Católica.

Após assumir o cargo de Vigário Cooperador em Pio IX o Padre David passou a atuar na cidade de maneira imediata, ministrando aulas de catecismo para as crianças, assim como buscou aproximações com as famílias locais, tendo ainda se comprometido em comparecer regularmente ao município para atender as demandas religiosas da população.

O Padre David vinha e passava o mês de maio fazia a festa do Coração de Jesus, em junho e em agosto fazia a da Padroeira e fazia a festa do Natal. Depois veio a festa de São Francisco que era muito boa. Havia muita ordem na Igreja, assim, hoje há, mais hoje tem muita gente esclarecida né, é lógico que sabem se comportar na Igreja, mas naquele tempo que não tinha ninguém informado aqui, mas ele punha ordem na Igreja. (ARRAIS, 2015).

Ainda que o Padre David Ângelo não residisse em Pio IX, a partir da sua efetivação como Vigário Cooperador da Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio, o cotidiano urbano da cidade passou por significativas mudanças, tendo em vista sua presença na cidade em algumas datas do calendário religioso católico e o esforço que fez por inteirar-se da vida social da população, atuando com vistas ao condicionamento de atividades religiosas das práticas cotidianas do povo nessa sociedade.

Em relação ao estabelecimento de “entendimentos práticos” da regulação moral e comportamental sobre os piononenses, podemos destacar que o Padre David Ângelo determinava quais tipos de vestimentas deviam ser usadas pelo povo, principalmente no momento que adentrassem os espaços sagrados. Assim, no templo da Igreja Católica, roupas decotadas e sem manga não eram aceitas (ARRAIS, 2015).

Cabe abordar ainda que o caráter religioso e sagrado pelo qual atuava proporcionou subsídios para que os valores e normas que disseminava fossem aceitos de uma forma considerada “normal” ou “inconsciente” por parte da população piononense, o que pode ser entendido através da afirmação sobre o referido pároco, “ele ensinou muita coisa aqui em Pio IX, o povo aprendeu muito com ele” (ARRAIS, 2015).

Analisando o depoimento da entrevistada Graziela Maia Arrais, somos levados e observar aspectos importantes atrelados ao Padre David Ângelo, primeiramente pelo cumprimento de seu papel sacerdotal, ou seja, a realização das festas religiosas, segundo, por uma atuação além do contexto estritamente religioso, voltado para uma intervenção na sociedade e nos sujeitos que a compunham.

O Padre David andava nas casas, visitava as famílias, visitava os doentes, num tinha dia nem hora marcada, ele chegava na casa, batia palmas aí batia aquele papo, conversavam muito. Aí a dona da casa aproveitava, o dono da casa. Quando ele vinha fazer a celebração nas festas aí ele aproveitava pra visitar as famílias, aí aquelas famílias de boas condições chamava ele para um almoço. (ARRAIS, 2015).

A presença do Padre David Ângelo nos espaços urbanos da cidade de Pio IX, sobretudo pela interação social que estabeleceu com a população, contribuiu de grande forma para o fortalecimento de uma cultura local atrelada aos preceitos da Igreja Católica, como podemos ver com mais detalhes através do depoimento abaixo.

Ele falava sobre economia doméstica, política, ele perguntava sobre a vida da família, como era que ia, os movimentos que acontecia na cidade. Ele dava algumas orientações de vida, no altar mesmo ele explicava. Ele falava para os pais educarem os filhos, respeitarem os mais velhos, fazer de tudo para que existisse mais justiça, mais paz na cidade. (ARRAIS, 2015).

Tendo em vista que desde sua chegada em Pio IX estabeleceu como característica uma forte ligação com a sociedade em geral, o Padre David Ângelo mostrou-se um sacerdote ativo na vida pública, como podemos evidenciar por meio do relato oral de Simões (2015), “eu assisti muito o Padre David se comunicar com o prefeito, com professores, ele se reunia né, pra procurar benefícios pro povo e ensinar o povo a viver melhor”.

Padre David elogiava muito né no altar quando tinha uma novidade na cidade, quando tinha uma organização. Agora ele aconselhava muito, um pedido para o Governo, um abaixo assinado, ele incentivava o povo a fazer. Tanto ele como os outros padres que vinheram depois. Já se fazia esses abaixo assinados pro Governo. E quando o povo tinha alguma necessidade que não era feita aí ele também criticava. Ele, por exemplo, pedia pra que fizessem as estradas da cidade, explicava qual era a finalidade que tinha fazer as estradas, que facilitava pro povo a vinda de um médico, essas coisas. Mas ele ficava satisfeito quando vinha que tinha uma estrada feita, um grupo escolar feito, aí ele ia e dava a bênção, ficava satisfeito, elogiava o prefeito. A consciência do povo de cobrar essas coisas teve ajuda do Padre David, ele influenciou muito. (ARRAIS 2015).

O depoimento de Graziela Maia Arrais possibilita analisarmos o papel social da atuação do Pároco de Pio IX para além da dimensão religiosa. Conforme apresentamos até aqui, uma das principais atitudes tomadas pelo sacerdote em solo piononense foi de estreitar relações com a sociedade.

Segundo dados da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, que trata dos municípios do Piauí e Maranhão, evidenciamos aspectos condizentes com um progresso urbano da cidade de Pio IX, onde estão apresentadas determinadas obras de anseio da população e condizentes com aquelas cobradas pelo sacerdote, Padre David Ângelo.

A partir de 1948, o município vem passando por admirável surto de progresso, colocando-se, por isso, em posição de destaque entre as comunas piauienses. Dentre os melhoramentos levados a efeito pelas administrações municipais que se têm sucedido a partir daquele ano, citam-se como principais: construção de cinco prédios rurais destinados ao funcionamento de escolas, os quais, pelo esmêro de seu acabamento, se destacam dos demais do Estado; reconstrução do edifício onde funciona, atualmente, as escolas reunidas Padre Ibiapina; instalação do serviço de iluminação pública na sede municipal; construção de várias estradas carroçáveis; levantamento topográfico da cidade e abertura de novos logradouros de par com a pavimentação dos principais. (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS – IBGE, 1959, p. 577).

Conforme nos posicionamos anteriormente a cerca da dimensão política da cidade, retomamos a ideia apresentada por Rolnik, que defende um poder político-administrativo como forma de estabelecer uma organização dos espaços urbanos da cidade, mediante a pluralidade de indivíduos e grupos presentes no seu interior. Dessa maneira, enxergamos a

prática social do padre David Ângelo como base para o estabelecimento de uma participação política ativa, no que diz respeito à reivindicação de melhorias para o município.

No momento em que a cidade de Pio IX começa a passar pelas alterações físicas de estruturação urbana nas quais constituíam objeto de desejo da população e do referido pároco local, este passa a diversificar sua atuação social, mostrando-se presente também no dia a dia das escolas. No ambiente escolar ele buscava inserir valores como a educação e o respeito. Podemos entender essa presença no ambiente escolar como uma tentativa de disseminar valores cristãos, fortalecendo assim a influência e domínio da Igreja Católica sobre a população piononense.

Padre David, eu me lembro que ele passava aqui até de mês, que ele gostava até de participar da vida da comunidade, ele frequentava até as escolas aqui, ele gostava de visitar as escolas. Eu dizia que ele era um Padre educador, por que ele chegava numa escola aí ele reclamava por que o aluno não sabia tratar bem a professora aí ensinava que devia chamar professora era Dona. Era uma iniciativa dele mesmo de ir. Ele participava de festinhas na escola, que aqui sempre, nessa época era Saboinha que era professora e ela organizava muitas festinhas escolares e ele nunca deixou de ir e agradecia. Eu achava muito importante essa presença, por que um Padre todo mundo tinha aquele respeito por ele, que logo os trajes dele já chamava atenção, que ele andava de batina e ele era muito respeitado. (SIMÕES 2015).

Analisamos a atuação social do referido pároco de Pio IX em proximidade com a população local, manifestando seus posicionamentos sobre os mais variados aspectos daquela comunidade, desde os espaços domiciliares até uma atuação no contexto político da cidade, alertando o povo para a necessidade de melhoramentos estruturais para Pio IX. E, paralelamente, disseminava valores, padrões comportamentais e criava um alicerce para posteriormente implementar sua ação religiosa no referido município. Essa ação religiosa visava sobretudo, a integração de novas práticas religiosas ao contexto da Festa da Padroeira de Nossa Senhora do Patrocínio, que viriam a influenciar nas relações sociais presentes entre os diversos sujeitos e grupos que compunham a sociedade local.

2.2 “Louvores à Padroeira, de nossa terra querida”

No ano de 1947 quando o Padre David Ângelo Leal foi nomeado vigário de Pio IX tinha entre outros deveres como sacerdote a realização das festas religiosas em determinados períodos do ano, constituindo assim um atendimento da Igreja Católica ao povo piononense.

Como vimos, a população local buscava manter-se inserida num contexto religioso, onde a ausência de um pároco responsável pela Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio fez com que os populares mantivessem de forma autônoma a organização de práticas religiosas, que diziam respeito, principalmente às rezas na Igreja local. Isso ocorria porque “O templo era o ímã que reunia o grupo. Sua edificação consolidava a forma de aliança celebrada no cerimonial periódico ali realizado” (ROLNIK, 2004, p. 14).

Utilizando da contribuição de Rolnik, podemos perceber que a Igreja se constituía em Pio IX durante a década de 1950 como uma espécie de ímã, atraindo os indivíduos para uma celebração coletiva onde se estabelecia a manifestação da fé, tendo em vista a crença religiosa daquele povo. Segundo o relato oral de Arrais (2015) “eu ia para agradecer minha vida, pra agradecer pela união que existia em minha família e eu tinha fé, eu tinha fé em Nossa Senhora”.

De acordo com a abordagem feita por Mircea Eliade (2010) em relação às formas de vida existentes na terra, ele apresenta que havia duas perspectivas do homem existir no mundo, que seria uma vida profana em oposição a uma vida sagrada, onde os indivíduos religiosos buscariam constantemente uma aproximação com uma vida de caráter divino.

É nesse contexto que analisaremos a realização da Festa da Padroeira de Nossa Senhora do Patrocínio em Pio IX, caracterizada pela grande participação popular do piononense. Notamos que através da presença e atuação sacerdotal do Padre David Ângelo a festa passa a ocorrer com uma programação ou um conjunto de atividades religiosas que englobavam a ocupação dos espaços da residência dos indivíduos e da Igreja, principalmente. Esses ambientes apresentavam-se com um caráter plenamente divino, onde ocorriam as práticas religiosas e de sociabilidades, tendo em vista a coletividade de sujeitos presentes nesses espaços.

Sob liderança espiritual do padre David Ângelo, a comunidade religiosa de Pio IX passou a praticar de uma forma especial a Festa da Padroeira de Nossa Senhora do Patrocínio. Apesar de ser uma festividade que ocorria antes mesmo da chegada do referido pároco ao município, com direcionamento de outros sacerdotes, as alterações que este provoca na sua realização, que somente foram possíveis pela forma de interação social que estabeleceu com o piononense desde sua nomeação como Vigário Cooperador daquela Paróquia, possibilitaram maior diversidade de práticas devocionais à Virgem do Patrocínio. “A principal mudança que teve depois que Padre David chegou aqui em Pio IX foi fazer a peregrinação da imagem de Nossa Senhora do Patrocínio, por que não acontecia antes de Padre David, foi ele que implantou a peregrinação” (SIMÕES, 2015).

Analisaremos a partir de agora as principais atividades religiosas que diziam respeito à comemoração da Padroeira de Pio IX e suas conseqüentes representações. De acordo com o Livro Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio, podemos analisar a realização da festividade da Padroeira local, onde, segundo escreveu o próprio padre David Ângelo, “houve preparatoriamente, pela primeira vez na história de Pio IX, peregrinação da Imagem da Virgem do Patrocínio, que visitou quarenta e três lares no âmbito urbano” (TOMBO, 1952).

Devemos, portanto, estabelecer compreensões mais apuradas sobre a realização da peregrinação com a Imagem de Nossa Senhora do Patrocínio, sobre a participação do povo nessa prática religiosa, bem como, suas significações para a população católica. “Um dos aspectos fundamentais da cultura dos cristãos é o culto aos santos, e essa característica forte dentro da religiosidade popular, ou seja, a devoção a diversas divindades do panteão católico, pode ser entendida como um dos principais pilares desta religião” (SANTANA, 2014).

Para Eliade (2010) o homem religioso não considera na sociedade uma homogeneidade do espaço. “O espaço apresenta rupturas, quebras; há porções de espaço quantitativamente diferentes das outras” (ELIADE, 2010, p. 25). Esse entendimento nos permite pensar que para o homem religioso, as práticas religiosas não podem ocorrer em qualquer local, tendo em vista a distinção dos ambientes sagrados e os profanos.

Portanto, ao homem religioso, cabe estar inserido em espaços que lhe permitam estar em contato com uma força ou presença divina, capaz de estabelecer relações que o façam romper com o mundo profano existente.

Seja qual for a estrutura de uma sociedade tradicional – seja uma sociedade de caçadores, pastores, agricultores, ou uma sociedade que já se encontre no estágio da civilização urbana –, a habitação é sempre santificada, pois constitui uma *imago mundi*, e o mundo é uma criação divina. (ELIADE, 2010, p. 50).

Buscando entendimentos sobre a organização da peregrinação da Imagem de Nossa Senhora do Patrocínio em Pio IX encontramos contribuições através do depoimento de Graziela Maia Arrais (2015), quando afirma que,

A imagem saía da Igreja, por exemplo, saía da Igreja pra minha casa, ele mandava quatro pessoas vir com o andô e o pessoal fazia a fila cantando e deixava aqui, aí ela chegava à noite, passava a manhã e já a noite ela saía. Meu pai procurava quatro homens pra levar pra casa de outra pessoa, também em fila, cantando e tinha casa que passava a noite acordado cantando pra Santa. O Padre David participava da peregrinação e em muitas casas no dia que a Santa passava na casa ele almoçava naquela casa, era uma festa! A casa passava o dia em festa! Vinha gente, fazia um bolo, faziam café e refrigerante e era aquele movimento todo. (ARRAIS 2015).

Como já apresentamos, a peregrinação da Imagem da Virgem do Patrocínio foi uma prática religiosa inserida na programação da Festa da Padroeira pelo Padre David Ângelo. Desse modo, ele constituiu um incremento à realização dessa festividade, pois até então os espaços domiciliares não eram receptores de eventos religiosos da Igreja, tendo em vista que eles eram concentrados no templo sagrado da Igreja Matriz. Portanto, o Padre David Ângelo alterou substancialmente a cultura e o cotidiano da população.

Continuamos dialogando com Graziela Maia Arrais (2015) principalmente na busca de estabelecermos compreensões sobre a realização da peregrinação, bem como o papel social da população na prática efetiva dessa atividade religiosa. Cabe também analisarmos o fator emocional e sagrado que provocou a participação e a consolidação de grande parte da população piononense nesse contexto.

A pessoa preparava um altar muito bonito, tinha uma pessoa pra fazer uma saudação de chegada, aí saudava a Santa, jogavam flores, preparavam anjos, crianças como anjos pra receberem a Santa. Aí botavam na sala de visita, com todo respeito, o dono da casa era que geralmente fazia a saudação. Essa saudação era um discurso, eles diziam que confiavam nela e que tinha chegado aquela imagem que era uma coisa muito querida entre os moradores daquela casa e agradeciam ao povo que vinha e pedia graças e quando ela ia sair eles acompanhavam cantando, era muito bonito! (ARRAIS 2015).

Segundo o depoimento de Maria Núbia Bezerra de Alencar Simões (2015) durante a peregrinação pelas ruas da cidade, até a chegada da Imagem de Nossa Senhora do Patrocínio na residência que iria recebê-la, as pessoas que estavam presentes nesse evento cantavam vários cânticos, principalmente o Hino da Padroeira, como podemos conferi-lo abaixo.

Ó Virgem do Patrocínio,
Os teus filhos aqui estão
A pedir-te pressurosos
Teu amante coração

Cantemos, cantemos todos
Com amor e fé subida
Louvores a padroeira
De nossa terra querida

À mãe, de divina graça,
Amável, doce, amorosa
Sê, tu, conosco, ó Virgem,
Indulgente, piedosa

Ó, Virgem do Patrocínio
Ouve os nossos clamores
E a Santíssima Trindade
Rogai por nós pecadores

Ó, Virgem do Patrocínio,

Arca da nova aliança
Dá-nos com a tua graça
Amparo, fé e esperança.

Por meio da análise dessa prática religiosa confirmamos a existência de uma devoção particular do povo piononense por Nossa Senhora do Patrocínio. Essa devoção popular distancia a possibilidade de interpretação de que essa presença popular no contexto religioso da peregrinação fosse resultado de uma imposição da Igreja ou do Padre David Ângelo. Defendemos, portanto, a tese de que o povo manifesta sua fé de modo particular, ou seja, com ligações diretas a esta Padroeira. “O povo tinha uma devoção particular por Nossa Senhora do Patrocínio, ia por que tinha fé nela. Tinha muita gente que fazia promessa pra ela, por exemplo, pra ficar boa de algum problema de saúde” (ARRAIS 2015).

Apesar da predominância de uma fé religiosa do povo para com Nossa Senhora do Patrocínio, merece ser destacado que a realização da peregrinação possuía para a Igreja Católica um objetivo de arrecadação financeira, o qual estava explícito na seguinte prática ritual que ocorria em todas as residências da cidade que recebia a imagem.

Era uma coisa bem organizada, isso era depois da saudação, aí formava uma fila. Nas casas era colocado uma bandeja perto da Santa, aí todo mundo vinha, se ajoelhava aí beijava a Santa, pedia uma graça aí deixava um dinheiro, que era de qualquer valor e todo mundo botava, tinha gente que botava muito, outros era menos, mas em todas as casas tinha. Depois disso tudo, aí o povo tomava café, tomava um lanche, conforme a pessoa da casa pudesse. Aí três dias antes da festa aí tinha uma pessoa encarregada de receber aquela importância, aí ia tomando nota, na casa de fulano deu tanto, na casa de fulano deu tanto, aí dava o total, e era muitas casas. No final da festa, no dia 15 aí o Padre lia a lista de todo mundo que participou. A peregrinação começava em Junho, passava o mês de Junho todinho e terminava no dia 14 de Agosto por que aí a Santa ia pra Igreja. (ARRAIS, 2015).

A entrevistada Graziela Maia Arrais relatou que a peregrinação com a Imagem da Padroeira tinha um sentimento religioso e divino. Entretanto, o fator de arrecadação financeira era compreendido por ela. Percebemos essa condição através de sua afirmativa sobre os objetivos de realização dessa prática religiosa. “Era de render mais e levar mais fé ao povo [...] Padre David dizia que Nossa Senhora ia visitar a casa daquelas pessoas, ficava mais perto daquela família. Foi uma forma que ele achou do povo ter mais um contato com Nossa Senhora” (ARRAIS, 2015).

Apesar da coleta da contribuição de valores das pessoas para a Igreja, após a chegada da Imagem da Padroeira nas residências das pessoas, não havia nenhum sentimento de inferioridade ou menosprezo por questões econômicas ou de classes. Segundo a depoente “não existia disputa, por que o Padre mesmo dizia assim: eu não quero disputa por que uma

coisa religiosa, dentro da religião não precisa haver disputa. Não tinha isso não, não tinha esse negócio de baixaria não” (ARRAIS, 2015). Quanto às pessoas da cidade de Pio IX que poderiam receber a imagem da Padroeira em sua residência, ela afirma que era uma escolha pessoal, onde qualquer sujeito que desejasse receber faria parte da peregrinação.

Levando em consideração que a grande maioria da população de Pio IX morava nas fazendas, podemos compreender essa condição como aspecto que também proporcionou uma alteração do cotidiano vivido pelas pessoas nos espaços urbanos, tendo em vista o deslocamento de muitas pessoas da zona rural para a cidade, para participar das atividades religiosas. “A gente convidava pra vir, aí vinha muita gente das fazendas pra cá, participar da chegada da Santa. Minha casa mesmo papai chamava os compadres, vinha muitos amigos dele, aí vinha e trazia a família. Aí depois que a Santa saía aí eles iam pra casa” (SIMÕES, 2015). Sobre a inserção desses sujeitos no contexto da realização da Festa da Padroeira, a entrevistada Maria Núbia Bezerra de Alencar Simões acrescenta que,

Era um acontecimento que todo mundo vinha, era um sentimento muito religioso, acreditavam muito em Nossa Senhora. Quem vinha do interior ficava aqui o dia todinho, aí durante o dia eles aproveitava pra visitar aquelas casas, aqueles parentes. Agora acontecia também de gente que tinha um rancho aqui na cidade aí vinha com a família, mas vinha pra casa dele. Aí a noite é que eles chegavam em minha casa pra recepção da Santa, visitava de dia os amigos aí de noite eles tava presente. (SIMÕES 2015).

A missa acontecia no dia 15 de agosto marcava o fim das festividades da Festa da Padroeira. Segundo Simões (2015) “era muito bonita, a missa era cantada toda em Latim, vinha Banda de música de Campos Sales e era muito bonito. Na semana era só a missa e no domingo tinha a missa e a tarde tinha a Bênção do Santíssimo Sacramento. Aí faziam quermesse, faziam leilão”.

As homilias que Padre David fazia na missa eram como uma aula, a gente saía bem satisfeito, por que aprendia o que era a religião. Ele ensinava o respeito, o amor, o perdão, disso tudo ele falava. E assim ele conseguia combater as intrigas que tinha, essas coisas que sempre existe né, não deixava de existir. (SIMÕES 2015).

Portanto, a população piononense enxergava a Igreja e as práticas religiosas como um local de fortalecimento da fé. De acordo com a devoção por Nossa Senhora do Patrocínio, as pessoas buscavam sempre participar da festividade que era realizada anualmente, inclusive não ficando restrito aos moradores da cidade, tendo em vista que grande parte da população dos espaços rurais fazia-se presente. Essa situação provocava nova alteração no contexto social da cidade de Pio IX durante a década de 1950, pois estabelecia, por uma condição religiosa, novas sociabilidades e práticas cotidianas em Pio IX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou por meio de uma análise histórica sobre o município de Pio IX, estabelecer compreensões sobre o contexto de surgimento da cidade. Esse estudo proporcionou o entendimento de vários aspectos atrelados à forma de vida daqueles que habitavam o território que compreende a cidade de Pio IX ainda no século XIX.

Mediante a ocupação daquela região por sujeitos que instituíram, nas fazendas de gado, as práticas de agricultura e pecuária, surgiram relações sociais e a formação de grupos distintos, no ponto de vista econômico. Essas relações proporcionaram, posteriormente, o desenvolvimento de relações comerciais internas e externas, constituindo uma atividade de grande importância para a comunidade naquele momento, vindo a provocar a inserção de novos produtos e bens de necessidade cotidiana para as pessoas, no interior daquele povoado.

O contexto de ocupação do território de Pio IX sofreu ainda grandes influências a partir da presença da Igreja Católica na região, provocando o aumento populacional daqueles espaços, principalmente em torno do referido templo religioso.

A construção do local cerimonial corresponde a uma transformação na maneira de os homens ocuparem o espaço. Plantar o alimento, ao invés de coletá-lo ou caçá-lo, implica definir o espaço vital de forma mais permanente. A garantia de domínio sobre este espaço está na apropriação material e ritual do território. (ROLNIK, 2004. p. 13).

O surgimento da Igreja em Pio IX, que em parte, foi resultado da atuação do missionário Padre Ibiapina, e contou com ampla participação popular em todo o trabalho diário de construção da mesma, provocou substanciais alterações nas formas de vida daquela população, provocando, como apresentamos, grande aumento da habitação em suas proximidades. Entendemos assim, a interação ocorrida entre o Apóstolo do Nordeste com os primeiros povoadores da cidade como fator de grande significação, tanto pela edificação da Igreja, que veio a solidificar-se no cenário social e cultural da população, quanto pelos valores, crenças e ensinamentos que disseminou naquela sociedade.

Defendemos, portanto, que a presença do Padre Ibiapina se apresenta como um dos principais elementos de influência cultural e moral dos piononenses, criando subsídios para a posterior intensificação de ações religiosas na cidade, causando cada vez mais a inserção do povo nas atividades da Igreja Católica, que se consolidava na cultura e no cotidiano daqueles sujeitos.

Durante a década de 1950 o município de Pio IX enxergou determinado progresso, no que diz respeito à realização de algumas obras públicas para a melhoria da vida dos

moradores da cidade. Cabe então, destacarmos dois aspectos, primeiro, os melhoramentos urbanos pelos quais a cidade de Pio IX passou referem-se a necessidades primárias daqueles sujeitos, como por exemplo, calçamento e energia. Segundo, essas alterações ocorridas na cidade foram bastante específicas para os espaços centrais de Pio IX, ou seja, apenas as principais ruas e seus moradores passaram a ser beneficiados pelos melhoramentos urbanos. Em oposição ao ambiente do subúrbio, que se mantinha carente de modificações estruturais para os moradores.

Esse contexto não apresentou uma preocupação geral do poder público municipal em atender de forma igualitária as necessidades da população urbana de Pio IX. Desse modo, a ausência de espaços de lazer oficiais e de sociabilidades entre os indivíduos, estabeleceu a Igreja como fator principal de atenção dos populares. Estes, por sua vez, mantinham-se bastante alinhados à religião, pois mesmo não existindo um padre no município – por um longo período – para realizar um atendimento espiritual de maneira formal, o povo se dedicou na realização de atividades religiosas.

Com a presença do Padre David Ângelo em Pio IX as condições de realização prática das atividades religiosas católicas se desenvolveram, sobretudo, pelo comprometimento do referido pároco em atender as necessidades espirituais do povo. De acordo com as condições sociais presentes naquela comunidade e a interação que estabeleceu com os moradores, o Padre David conseguiu estabelecer, em relação direta com os populares, a diversificação da Festa da Padroeira de Nossa Senhora do Patrocínio, como a realização da peregrinação da Imagem da Padroeira na residência dos populares.

Portanto, entendemos a realização dessa festividade pelos piononenses, mediante a programação e as atividades práticas que ocorriam, como fator de integração social entre os sujeitos e grupos presentes no interior da sociedade. Assim, esse ritual sagrado provocava modificações no cenário social e cotidiano da população, onde sujeitos eram atraídos à participar dessa atividade religiosa – lembrando que também havia em paralelo o objetivo de arrecadação financeira –, causando o encontro de vários parentes e amigos nos espaços urbanos da cidade de Pio IX.

FONTES E REFERÊNCIAS

a) Fontes Orais

ARRAIS, Graziela Maia. *Depoimento concedido á Erik de Alencar Antão de Carvalho*. Pio IX, 2015.

SILVA, Teresinha Felicidade da. *Depoimento concedido à Erik de Alencar Antão de Carvalho*. Pio IX, 2015.

SIMÕES, Maria Núbia Bezerra de Alencar. *Depoimento concedido à Erik de Alencar Antão de Carvalho*. Pio IX, 2015.

b) Fontes Hemerográficas

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS DO BRASILEIROS (IBGE). **Maranhão e Piauí**. V. 15. Obra conjunta do Conselho nacional de geografia e estatística. Rio de Janeiro, 1959, p 577-580.

LIVRO DE TOMBO DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO, PIO IX-PI, 1950.

REVISTA PIAUIENSE DOS MUNICÍPIOS. Teresina, 1955.

c) Livros

ALENCAR, Custódia Matutina de. **Município de Pio IX**. Picos: Gráfica Pires, 2000.

ALENCAR, Odon Antão de. **Minha vida nos Baixios**. Fortaleza: A Província, 2007.

ARRAIS, Miguel Sebastião Maia Chaves. **Terra e Gente do Patrocínio**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

BEZERRA, José de Alencar. **Memórias**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1983.

_____. **No Mundo do Folclore**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1979.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo; Ática, 2000. p. 7-35.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3a Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Educação e sociedade picoense: 1850-1930**. Teresina: EDUFPI, 2005.

d) Capítulos de Livros, Artigos e Revistas

ALGRANTI, Leila Mezan; Famílias e vida doméstica. Org: SOUZA, Laura de Mello e. In: **História da Vida Privada no Brasil: 1. Cotidiano e vida privada na América portuguesa.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias.** Rev. Bras. Hist., v. 27, n. 53 de Junho de 2007.

e) Monografias e Teses

OLIVEIRA, Alberto Rodrigues de. **Da fé a promoção social:** a atividade missionária do Padre Ibiapina: Recife, 2007. 101p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Programa de Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco.

SANTANA, Gislayne Oliveira. **Dom Expedito Lopes:** ritos e devoções a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (1967-2007). Monografia apresenta ao Curso de Licenciatura Plena em História. Picos, Universidade Federal do Piauí, 2014.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **História, Memória e Identidade na cidade de Timon na década de 1980.** Teresina, 2007. 111p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí.

f) Sites

Papa Pio IX. Disponível em:
<http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20000903_pius-ix_po.html>
Acesso em 18 de maio de 2015.

g) Poesias

ALENCAR, Custódia Matutina. **Pio IX, minha terra querida.** In: ALENCAR, Custódia Matutina. **Município de Pio IX.** Pio IX: Gráfica Pires, 2000. 102 p.

BEZERRA, José de Alencar. **Hino de Pio IX.** In: ALENCAR, Custódia Matutina. **Município de Pio IX.** Pio IX: Gráfica Pires, 2000. 102 p.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, ERIK DE ALENCAR ANTÃO DE CARVALHO,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
RELIGIOSIDADE CATÓLICA E COTIDIANO URBANO: A formação da cidade
 de Pio IX-PI e sua vivência urbano-religiosa (décadas de 1940 e 1950)
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 23 de Outubro de 2015.

Erik de Alencar Antão de Carvalho
 Assinatura

Erik de Alencar Antão de Carvalho
 Assinatura